

ASSIGNATURAS
 ANNO 20\$000
 SEMESTRE 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
 RUA 11 DE MARÇO, 28.

OFFICINAS
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

INTERIOR

E' velha manha de chronistas preguiçosos, queixarem-se da mingua de assumptos, e, com essa lástima, enchem as tiras de papel que obstruam o espaço de jornal destinado á obrigação periodica de dizer algo, de commentar os factos e coisas, registando-os como elementos de experiencia, ou tirando delles proveitosa lição. Nestes dias ardentes e agitados, não téem, certamente, os nossos parceiros de officio, razão de queixa; pelo contrario, de frontam a difficuldade da escôlha, tão abundante, curioso e vário se lhes offerece o almêjado matérial para o trabalho.

Este nariz de cêra saú á guiza de satisfação aos nossos leitores pelo facto, destôante com os nossos habitos, de insistirmos, hoje, na matéria da nossa chronica anterior, assumpto transcendente, de grande alcance social, provocado pelo accórdam do Supremo Tribunal, contra os expúrgos, accórdam anonymo, na phrâse felicissima do sr. Medeiros e Albuquerque, e fonte de embaraços, de perturbações do patriotico plano sanitário, pela primeira vêz, executado no Brazil, a valer, com brilhantes resultados.

E insistimos no assumpto para ponderar que, no motivo da controversia, a inconstitucionalidade do regulamento de 8 de março de 1904, se encontra, apenas, cavando com cuidado, mais uma questão de palavras que uma questão de essencia, porque, de facto, as disposições delle não estão em desaccôrdo com a lei de 5 de janeiro de 1904, nem existe a suppôsta lacúna de uma sêxta excépção, que deveria ser accrescentada ás cinco do art. 196, e ás trez do art. 199 do codigo Penal, garantidora na parte em que estabelece a sancção da inviolabilidade da casa do cidadão.

Não seria para admirar que a lei se

resentisse dessa falha, que estivesse mesmo crássamente errada, tão frequente, são as suas imperfeições como leis feitas sobre a pérna, no afôbamento dos ultimos dias de sessão, por legisladores que sómente téem em mira ser agradaveis ao governo, que os elegeram e lhes recompensará o sérvilismo com a reeleição, transfórmando a função legislativa em rendosa *bureaucracia*.

Mas, a lei, que reorganizou os serviços da hygiene administrativa da União, não contém essa lacúna, que está, implicitamente, preenclida com a disposição do seu art. 1º, enunclado nestas palavras téxtuaes :

«Art. 1º E' reorganizada a Directoria Geral da Saúde Publica, ficando sob sua competencia, além das attribuições actuaes, tudo que, no Districto Federal, diz respeito á *hygiene domiciliaria, policia sanitaria dos domicilios*, logares e logradouros publicos, tudo quanto se relaciona á prophylaxia, geral e especifica, das molestias infecciosas, podendo o Governo fazer as installações que julgar necessárias e pôr em pratica as actuaes posturas municipaes que relacionem com a hygiene.»

Não ha duvida que, nesta disposição, a lei incumbiu os agentes da saúde publica da *hygiene domiciliaria, da policia sanitaria dos domicilios*; e, como pela intuitiva razão de que, quem quer os fins auctorisa os meios, é consequente achar-se implícita, nessa incumbencia, a auctorisação de entrada na casa alheia, suspeita de sujidade, ou transfórmana em fóco de infecção, porque essa policia sanitaria dos domicilios seria, sem isso, uma búrta, um impossivel, um destampatório. E, como não é licito suppôr que a lei decréte absurdos, coisas insensatas, dêve, nos casos de obscuridades, de anomalías, ser interpretada confôrme ás normas do bom senso e ás deducções naturaes da logica por meio do raciocinio lúcido, estreme

de prevenções e interésses, detúrpadores da visão das coisas mais nitidas.

Desde que a lei decretou a policia dos domicilios, não se referiu, certamente, ao aspécto exterior, ás bellezas da architectura, ás condições de asseio das fachadas, á pintura das portas e janéllas, ou aos desnivelamentos das calçadas. Domicilio é o interior, o logar onde móram os cidadãos, onde se abrigam, onde dôrmem, onde permanece a familia, cuja segurança e repouso a lei assegurou com a inviolabilidade; logo... é o interior onde deve ser exercida a policia sanitária, que não pôde ser efféctuada, sem a inévitable permissão de entrada no consagrado asylo do cidadão.

E' muito natural que, não sendo os agentes sanitários escolhidos entre santos, de inexgotavel paciencia para receberem de cára alégre os desafôros, as obscenidades, ou a resistencia dos adversários da saúde publica, se dêem abusos, violencias, que não infirmam a disposição legal obrigatória, enquanto a lei não fôr revógada. Esses abusos, essas violencias são prevaricações, subordinadas a meios de reprêsão, que os cidadãos offendidos pôdem e devem reclamar.

Dêve-se, ainda, notar que a providencia sanitária, objecto de tamanha assuáda, não é nenhuma novidade: ella se encontra nas postúras municipaes, especialmente na disposição do n. XIII do art. 20 do decreto n. 41 H, de 21 de junho de 1893, do conselho municipal, disposição que impõe aos commissários de hygiene — visitar, systematicamente, todas as habitações do seu districto, publicas e particulares, afim de fiscalisar o regimen e installação de apparéllhos sanitários, de cujos defeitos pôssam advir sérios damnos á saúde publica, e verificar se estão de accôrdo com as postúras municipaes em vigôr.

Poder-se-á allegar que essa disposição é inconstitucional por ser obra de quem não tinha competencia para le-

gislal sobre a matéria; mas, a verdade é que a lei federal de 5 de janeiro de 1904, na disposição do art. 1.º, ratificou essa medida de policia, mandando «pôr em pratica as postúras municipaes que se relacionem com a hygiene.»

Dessas deducções simples, tiradas, sem manha e artificios, do têxto claro da lei; chega-se á conclusão de que o regulamento de 8 de março de 1904 não offendeu a Constituição, como acto do poder exécutivo, exórbitante da auctorização legal, que elle ampliou, desenvolveu e completou dentro do pensamento e do têxto, sem excéssos condemnaveis.

A luz dessas noções, hauridas na leitura das disposições legaes, não se pôdem sustentar os fundamentos do accórdam que suscitou a pendencia, com gáudio dos impugnadores, por gôsto e tendencias do temperamento, aos beneficios que partem do governo, que não dança pela desafinada musica dos incontentaveis.

Essa deliberação do mais alto tribunal do paiz foi combustivel de primeira ordem para os alambiques das cóleras da opposição systematica, que tanto se irrita quando o governo acérta, quanto se rejubila com os seus erros, desvios e desastres, pela razão muito evidente de que os actos de benemerencia, de sabedoria, de patriotismo, robustecem o adversário que desejamos destruir. E' dos instinctos de conservação não poupar o inimigo, para lhe não morrer nas mãos.

Dizem que o governo está abarbadado com o já famoso accórdam, que lhe desmancha o plano de combate aos velhos inimigos da nossa vida e do renome nacional, hesitando em admittil-o, como fórmula legal obrigatória, ou considerál-o como simples decisão especiosa. Se se tratásse de governos estaduaes, o caso seria um páu pelo olho, porque, para elles, as decisões do Supremo Tribunal não valem dois caracões: são lettras vãs que elles atiram á cêsta do olvído das coisas impréstaveis. E não ha quem lhes vá ás mãos com a palmatória da obediencia impôsta pela Constituição, sempre inferior ás manóbras e designios da politica.

Se o governo estiver, agóra, disposto a prestigiar as sentenças do poder judiciário, obedeça e espere: não ha nada como um dia depois do outro.

Quem sabe se, muito breve, quando menos se suspeitar, não virá outro luminoso accórdam, resolvendo a difficuldade e affirmando, peremptóriamente, que a visita para expúrgos não lésa a Constituição e que o *habeas-corpus*, não é meio hábil para revógar leis e regulamentos?

POJUCAN

FARIAS BRITO

V

Na introduccção á primeira parte da sua obra, o dr. Farias Brito começa immergindo logo na vastidão do mundo objectivo, e tirando, da grande anciedade em que fica o pensamento humano, ao immergir nesse mundo, o novo unívérso em que o philosopho váe viver. Como isolado de toda a Creação concreta, elle recórda as palavras de Socrates — *philosophar é aprender a morrer*; mas, previne immediatamente o espirito do leitor contra o possivel perigo do contráste em que porventura presinta essas palavras com a orientação em que o auctor váe ficar. E' claro que no philosopho grego, poderiam vêr o intuito de recórdar a todos os homens, como sentença desoladora, o nada da existencia humana. E si não lêssemos do livro do pensador cearense, mais que a primeira pagina, bem poderiamos accusál-o, *in limine*, de uma contradição flagrante da phrása citada com as palavras que se seguem. Porque, depois que nos dá o apoplteigma socratico, o auctor nos põe, dir-se-ia despercebidamente, ante os olhos, uma phrása cuja profundeza nos abala: «Vivemos todos como si fôssemos immortaes.»

Oh! temos então presente sempre, sem esquecê-lo um instante, o nada da existencia humana; vivemos numa lucta contínua; e emquanto as desillusões nos atropellam, emquanto a dôr é a nossa inseparavel companheira nesta jornada mysteriosa, ao fim da qual sabemos que está a morte — vamos todos vivendo como si fôssemos immortaes? E não váe ahí, porventura, a affirmação de que ha na vida alguma coisa inamissivel que zomba da morte?

Não ha, porém, contradição alguma, pois o nosso proprio philosopho desenvolve, logo depois, o seu pensamento e o que nos impressionára á primeira vista, reconhecemos que não provém sinão da subtilidade da dialéctica. Adeante algumas paginas, depois que põe num largo confronto Schopenhauer e Hartmann de um lado e de outro o grande restaurador da alma eleatica (durante cêrca de dois séculos ensombrada pelos sophistas) — diz o auctor da *Finalidade do mundo*: «Era preciso

lembrar o memoravel exemplo de Socrates, depois de haver citado Schopenhauer e Hartmann, para dar, desde logo, uma idéa do espirito que preside á concépção deste livro. Ficam, assim, em face uma da outra, duas doutrinas oppostas: uma, que partindo da consideração do soffrimento, afirma que a vida é uma desgraça irremediavel e leva á moral do desespero, sustentando que a finalidade é o nada; outra, que reconhecendo a existencia da dôr como um facto unívérso, ensina-nos, em todo o caso, a ser lórtes, collocando na resignação o principio da sabedoria e sustentando que a morte pôde ser e deve ser explicada como uma libertação.» «Pois bem—lê-se ainda adeante: considerando a dolorosa contingencia a que estão sujeitas todas as nossas condições existenciaes, quanto ha de illusório em todas as nossas aspirações, a quanta desgraça estamos sujeitos todos nós que vivemos, condemnados irremediavelmente á morte; considerando o nada de todas as grandezas humanas: —quero indagar da significação real desta natureza immensa que nos cêrca, quero indagar que relação tem a minha existencia com a existencia unívérso; quero, numa palavra, interrogar os segrêdos da consciencia, de modo a explicar a cada um a necessidade em que está de comprehender o papel que representa no mundo. Tudo passa, tudo se anniquila. Pois bem: eu quero saber si do que passa e se anniquila, alguma cousa fica em virtude da qual se pôssa ter amôr ao que já não existe ou ao que deixará de existir; si do que passa e se anniquila, alguma cousa fica que não ha de passar nem anniquilar-se: quero estudar esta sciencia incomparavel de que fallava Socrates: quero ensinar aos que padecem como é que se pôde esperar com serenidade o desenlace da morte: quero dirigir aos pequenos e humildes, palavras de confôrto: quero levantar contra os tyrannos, a espada da justiça: quero, em uma palavra, mostrar a todos que, antes de tudo e acima de tudo, *existe a lei moral, e que é sómente para quem se põe fóra desta lei, que a vida termina.*»

Essas palavras são realmente de uma eloquencia irrecusavel como testemunho de uma isenção espirital propria do sabio, e, sobretudo, do extraordinário valôr com que este alto espirito se érgue ante o espectáculo do unívérso, para interrogál-o e sentil-o. «Ora — conclúe elle — si o mundo em todas as suas manifestações está subordinado a leis invariaveis e, seguindo uma marcha perfeitamente regular e perfeitamente unifórme, váe de transformação em transformação sem que ao mesmo tempo nada se perca, nem deixe de concorrer para a harmonia geral; ou mais propriamente para empregar a palavra magica do século: si a natureza evolúe e evolúe

sempre a consequencia logica, inevitavel é que tende necessariamente á realisacão de um fim. Qual é o fim a que tende a evoluçãõ univêrsal, para onde váe tudo isto que nos cêrca, em que consiste a finalidãde do mundo?»

Eis ahi. Outros e muitos outros ficam, de regra, no estudo apenas dos grandes mestres: este ouve tambem os mestres, mas quer, ao mesmo tempo, não satisfeito só com isso, ouvir directamente a vóz, a augusta vóz que os mestres analysam e procuram interpretar. Limitam-se, quasi sempre, outros á technica, por assim dizer, do entendimento, á formalistica dos processos, á critica das leis sob cuja direcção dêve andar o espirito no exame dos phenomenos; quasi que se podia dizer que perdem todo o tempo em saber qual é o méthodo melhor, o ponto de partida e o ponto de vista mais seguro e os processos mais logicos; este, porém, quer dizer, antes de tudo e a seu modo, como ouviu a grande vóz.

Só incidentalmente, é que elle nos declara em poucas palavras: «Parto deste principio: o fundamento real, o critério ultimo de toda a verdade é o testemunho directo da consciencia, de modo que, para mim, quando qualquer conhecimento estiver de accôrdo com esse testemunho, é verdadeiro; quando em desaccôrdo com elle, é falso.»

Pódem-se, é claro, offerecer objecções a semelhante critério. Parece que aqui — *consciencia* é o conjuncto dos conhecimentos, ou, como define o proprio auctor «o orgão mesmo do conhecimento». Ora, si a consciencia é a faculdade que consiste na apercepção clara e actual de tudo que se chegou a saber — é evidente que póde não bastar o testemunho da consciencia, por exemplo, para constatar uma verdade da qual não estamos ainda de posse, mas que, nem por isso, deixa de ser verdade tão sãida como as que já possuímos. Por outros termos — não é necessário que a verdade já estêja na nossa consciencia, isto é, que já estêja incorporada aos nossos conhecimentos para ser verdade. Ilustremos com este caso a objecção: qual seria a attitúde da nossa consciencia ao defrontar com certos phenomenos de physica até ha pouco desconhecidos — esses, por exemplo, que permittiram a invenção da telegraphia sem fio, do raio Røetgen e outros prodigios que assombram o mundo nos nossos dias? E ainda: são falsos ou são verdadeiros esses espantosos phenomenos de telepathia e de imposição da vontade a cujo estudo não mais se pódem eximir os proprios sabios que até hoje os negaram?

Poder-se-ia, portanto, criticar o principio de que parte o philosopho cearense; o que não seria lícito negar-lhe é a firmeza com que elle esta-

belece as condições do exame philosophico.

Parece-me, ainda, que a consciencia de que nos falla é mais extensa do que elle proprio diz. Prefiro ficar entendendo que para elle aqui — *consciencia* quer dizer a summa capacidade mental, a suprema luz do espirito.

Agóra o côrpo da obra.

ROCHA POMBO.

O VIADO BRANCO

(L. UHLAND)

A H. Ribeiro

Debruçados num barranco
Cochichavam tres caçadores
A' cata do viado branco...

Ouvem-se leves rumôres,

O PRIMEIRO

«Quando eu vir a caça arisca
«Saír do matto: *iska! iska!*

O SEGUNDO

«E se á frente me passou,
«Mãõ no gatilho: *paf! pouh!*

O TERCEIRO

«Pela minha parte, eu cá
«O côrno embôco: *tra-rá!*»

Vão falando e de repente
Eis que o viado saltou...

E agóra os tres inutilmente:

Iska! pif! tra-rá! paf! pouh!

JOÃO RIBEIRO.

A VACCINAÇÃO NO CEARÁ

O trêcho do ultimo livro do sr. Rodolpho Theophilo — *A Variola e a vaccinaçãõ no Ceará* — que abaixo váe, é um intenso documento de maldade, de barbaria, de bestialidade sêlvagem.

Vão vêr como, no Brazil, neste seculo, o interêsse dos labrêgos politicos da provincia não se amansa nem quando tópa o interêsse da humanidade, o interêsse da salvaçãõ publica.

Chega a ser incrível o que nesse doloroso trêcho se conta da propaganda da imprensa official do Ceará, contra os serviços de caridade, de benemerencia que o sr. Theophilo preston á populaçãõ daquella terra. E o governo desse Estado, permittindo essa crueldade da sua imprensa, só teve este móvel: vingar-se do escriptor que escreveu um livro — *Secas do Ceará* — para vêrberar a indifferença do poder publico estadual deante do flagêllo.

«Saía diariamente—diz o auctor, referindo-se á vaccinaçãõ domiciliária— pelos subúrbios a pratical-a.

La seguindo o meu caminho, alentado da esperança de em breve ver realisado o meu idéal.

Com muita paciencia, havia desbravado os ignórrantes e acreditei limpa de urzes a estrada que scguia.

Como me enganava!... La enfrentar

agóra, não aos cêgos do entendimento, mas aos cêgos pela maldade.

Entrava eu na via dolorosa do insulto; e agóra, mais do que nunca, precisava de paciencia, de grandeza de animo.

Suppunha que em toda a Fortaleza não houvésse pessoa capaz de malsina-me por aquella cruzada de beneficencia.

Como era ingenuo! Que pretencão a minha suppôr uma sociedade compôsta sómente de homens bons e expúrgada de homens máus.

Que estulticia acreditar-me immune do dente da maledicencia!...

Tolerava que me insultassem, que me caluniassem, mas que não deslustrassem nem de leve a minha obra de beneficencia.

Sabiam os perversos que me feriam muito, desrespeitando aquelle santuario do amôr e do trabalho. Pois bem: foi o que escolheram para impiedosamente profanar!...

No dia 22 de novembro, em um pasquim, o *Tempo*, apparecido em Fortaleza, no dia 1º do mesmo mez, e editado e redigido por alguns membros do partido governista, um prolongamento do jornal official *A Republica*, lia-se a seguinte local:

A lymphã do sr. Rodolpho Theophilo é mesmo uma maravilha. De uma creança, sabemos nós, que tendo sido vaccinada pela manhã, á tarde era com os anjos. Não resistiu a innocente creaturinha, ao frouxo, que a lymphã lhe produziu.»

A essa noticia, seguiu-se uma série de verrinas, qual mais obscena, mais insultuosa, communicacões apócrifas, todas visando incutir no espirito do pôvo, o risco de vida que corria aquelle que se deixava vaccinar com a lymphã por mim preparada.

Só agóra, depois de um anno, foi que lí toda a collêccãõ do *Tempo*, e ví o acêrvo de obscenidades e de insultos.

Inimigo incondicional da baixa imprensa e do anonymato, não leio pasquins, e por isso ignorei aquella noticia até que algumas pessoas me interpellaram sobre o factõ.

Entre outras, lembro-me perfectamente do meu amigo Claudio de Oliveira, hoje fallecido, que, encontrando-se commigo no bonde, me perguntou si a creança que havia morrido victima da vaccina, não estaria já doente?

Ignórando a local, entrámos em explicações e pude então avaliar de quanto é capaz a maldade, e a sabedoria do adágio — *a calunnia é como o carvão, não queima, mas tisma*. Voltaire tinha razão, quando dizia — *a mentira muito repetida adquire fóros de verdade*.

Si entre gente mais ou menos culta, a noticia do pasquim foi mais ou menos acreditada, que produziria ella

no pòvo, que além da grande prevenção que tem contra a vaccina, não pôde, por sua ignorancia, distinguir o jôio do trigo ?

Não fôram precisos muitos dias para ter a pròva do mal que haviam feito á minha propaganda, publicando aquella mentira.

Pensei que a torpêza dos inimigos do Ceará, que felizmente não são cearenses, são forasteiros vindos de outros Estados, não se divulgasse até á plêbe; mas, illudí-me.

O vulgo não lê, mas ouve lêr, o que é peor ainda.

Poucos dias depois da citada publicação, vaccinava eu na estrada de Pacatúba.

Chegando á casa do jornalista João Francisco da Silva, homem muito meu conhecido, e de cuja familia já tinha vaccinado, havia tempos, algumas pessoas, encontrei uma creança de quatro mezes por vaccinar.

Pedí para vaccinál-a. O jornalista não consentiu, dizendo-me, com muito bons modos, é verdade, as palavras seguintes, que deixo transcriptas para ficar bem caracterizada a época que atravessamos :

— Vcê me perdôe não deixar a menina se vaccinar.

— Porque ?

— Porque eu ví lêr nas folhas que a vaccina de Vcê., está empéstando, e morreu uma menina das que Vcê., vaccinou.

— Não vê você que isso é uma calúnia ?

— Eu não sei, é negocio lá de Vcês., brancos.

A calúnia achava écho. A semente da maldade começava a germinar.

Senti-me revoltado. E quem se não revoltaria ?

Voltei para casa no firme propósito de abandonar aquelle serviço.

Foi fórte a tentação.

Reflectí e ví que era fraqueza de animo deixar em caminho aquella obra, só por me ter a maledicencia atirado os seus bôtes.

Era o cúmulo da vaidade pretender louvôres até dos máus !

Envergonhei-me de minha fraqueza e, cheio de fé, coragem e paciencia, continuei a minha via-ságra.»

O ALMIRANTE (19)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XI

Nesse momento, ergueu-se outro repôsteiro, e a vóz áspera que dialógava no aposento visinho, murmurou em tom cortêz :

—A's suas ordens, minha senhora.

A marquezia ergueu-se, tomada de surpresa. Estava deante della um homem de alta estatúra, gôrdo e musculôso, trajando uma sobrecasáca prêta, muito comprida, apertada e abotoada como uma farda. O pescôço de touro sustentava uma cabeça pequena, ornada de profúsa cabelleira e bárbas negras, annéllada em caracões lusidíos e lubrificadas com óleos tréscalantes. Do rôsto rubrose destacavam o nariz semítico e os olhos, grandes olhos desvairados de myope, a lampêjarem atrás dos óculos de áro de oiro, olhos irrisistiveis aos quaes Dolôres attribuia o prestigio de verem a gente por dentro. Elle evócava a visão dos patricios da Roma decadente, como os debuxaram os historiadores, com paginas immortaes, colôssos amollecidos pelos requintes de sensualidade brutal, amaneirados em dengues femininos, opilados de enxundias.

—A's ordens de vossa excellencia— repetiu o médico, procurando attenuar o tom áspero da vóz. — Queira passar ao consultório.

A marquezia obedeceu, como um autômato, e passou por baixo do repôsteiro, que elle, com inexcêdível polidez e em postúra de reverencia, mantinha erguido.

O aposento era simples, uma sála de parêdes pintadas a óleo de vêrde pálido, illuminada por dôce luz coada através de vidros opácos. Por mobilia, havia estantes de peróba, cheias de livros de dôrsos lustrosos e vermêlhos, um amplo sofá de palhinha, destinado ao perfunctório exame dos clientes, duas poltronas de canélla esculpida e uma grande secretária, onde rebrilhava um grande tinteiro, encaestado no pedestal de uma estátua de prata, representando a fama cavalgando fogôso ginête e embocando a gloriosa trombêta. Ao lado, uma grande aguia de bronze sobre um rochêdo de améthysta, de azas pandas, sustentava, pendente do bico adunco, um relógio. Viam-se canêtas de ouro cravêjadas de pedras preciosas, adágas de marfim, sinêtes e vários utensilios de escriptorio, verdadeiras jóias, e grandes livros abertos anontoados em desordem, marcados com fitas bordadas com dedicatórias gratas, denotando que o sabio médico os consultava no intervállo das consultas.

— Estêja a seu gôsto — disse elle, indicando-lhe uma das poltronas e fitando na marquezia os grandes olhos, meio estrabicos — Quasi todas as senhoras ficam commovidas quando penetram nos consultórios. Aqui, nada ha que a intimíde. Não vê estantes com instrumentos cirurgicos, nem quadros de terrôr, nem imagens sangrentas de peças anatomicas, com que os charlatães arman effeito á imaginação dos doentes que lhes cáem nas garras carnicieiras. Aqui se ministra a saúde por

procêssos modêrnos, sem mutilações barbaras, sem soffrimento. Vamos ; a apparencia de vossa excellencia é admiravel. Parece que não terei muito que fazer. Pequenas perturbações e nervos muito vibráteis ? Não é assim ? Oh ! As senhoras são pilhas eléctricas.

Recobrada a coragem, a marquezia còntou, hesitante e trémula, as suas máguas, as noites de vigília, os máus sonhos, as dôres de cabeça e aquellas pontadas lancinantes que sentia nos quadris.

A' proporção que ella falava, o médico sorria, emittia um monossyllabo guttural de approvação, á maneira de um rugido, e revolvía nas órbitas papudas, os grandes olhos desvairados. Quando terminou, houve pequena pausa : ella, fitando o medico ; elle, meditando em religioso recolhimento.

— Com licença— disse elle, aproximando-se da marquezia ; e, tirando-lhe a capa de casemíra negra, entrou a ausculta-la— Pulmões magníficos... Coração excellente, se bem que tímido como o de um passaro. Por aqui, tudo normal. Vejamos: muitos filhos ?

E, como a marquezia lhe contásse a dolorosa historia da sua maternidade, a triste historia dos filhos mortos como fructos sem seiva, elle meneiou a cabeça e esfregou, com um gêsto lento, uma na outra, as mãos enórmes e gôrdas, como mãos de creança gigantésca.

Depois, fêl-a andar pela sála, e observou-lhe o movimento, com gatimonhas.

—O seu caso, minha querida senhora, é sério ; mas, perfeitamente curavel.. Téem me passado, aos milhares pelas mãos, sempre com o mesmo infallivel e maravilhoso succêso. Outro qualquer dos pseudo especialistas que por ahi avultam, indicaria uma operação mais perigosa que a doença ; eu, porém, garanto a cura radical em seis mezes. Depende de submissão absoluta ao meu regimen, e paciencia.. porque não faço milagres. O tratamento será feito aqui ou no domicilio de v. ex.

—No domicilio, não— interrompeu a marquezia, vivamente.

—Como quizer. Com quem dêvo entender-me quanto aos honorários ?

—Commigo. Sou viuva... Quanto custa ?

—Apenas dez contos de réis. Cinco serão pagos adiantados, como é praxe inalteravel no meu consultório. Não é caro, tratando-se de uma cliente como v. ex., e da grave responsabilidade que vou assumir... além dos golpes da invêja e da calúnia, que me não poupam. A's invéctivas da ignórcia, respondendo com o meu desprezo e as minhas victórias scientificas. Infelizmente, não temos senão ráros homens de valôr, na minha profissão. São todos, na grande maioria, charlatães que lambem os doentes e ladram á sciencia.

O dr. Valente falava, escrevendo num cadérno de papel, com cabeçalho de pomposos dizêres impréssos, e, destacando a fôlha, convidou a marquez a assignál-a, dando-lhe, molhada em tinta, uma pequena penna de condôr esculpida em ouro, em cuja rama estava gravado: *Ao meu salvador. Gratidão etérna* — em pequeninas lettras de brilhantes, partindo, como pontas de um laço, do centro, formado por uma grande esmeralda.

A marqueza assignou um contrácto impréssos e a ordem de pagamento da prestação adeantada: *Aos srs. Martins & C. Pague-se. Marqueza de Uberaba.*

— Muito bem — murmurou o médico, sorrindo — agora v. ex. terá a bondade de designar o seu dia...

— Quinta feira — respondeu a marqueza.

— Começaremos na proxima semana. E dê v. ex. parabens á bôa fortuna que a conduziu a esta casa.

— Muito obrigado dr., balbuciu ella, erguendo-se.

— Obrigado lhe fico eu, pela grande honra de contar na minha clientéla a creme da nobreza brazileira, a formosa marqueza de Uberaba, que será mais um nome de prestigio a laurear os meus obscuros préstimos e esforços de professional despretencioso, absolutamente consagrado, com amôr e desinterêsse, á humanidade soffredora.

A marqueza dirigiu-se para a porta velada pelo repôsteiro; mas, o dr. Valente delicadamente indicou-lhe outra saída do lado oppôsto.

— Os clientes — murmurou elle, sorridente — não gôstam de encontros indiscretos. Esta pôrta communica com a casa visinha. Como vê, está tudo previsto para garantia da mais absoluta discreção.

Do outro lado, era a alcôva das damas, onde ellas se despiam para serem tratadas, auxiliadas por uma camareira, velha parteira aposentada, que abandonára as comadres para se consagrar, exclusivamente, ao serviço do dr. Valente. Nada faltava allí de conforto e elegancia: móveis raros, ricas alfaias, espêlhos, perfúmes, pó de arrôz subtilissimo, pentes de marfim, escôvas, vasos de Sèvres, com grampos e alfinêtes, agulhas, linhas... tudo quanto poderia exigir, occasionalmente, o reparo do traje.

A marqueza mal saúdou a velha, que se desmanchava em cortezias e chorámingava phrásas de louvôr á sciencia do patrão: acompanhou-a até á escada sombria: desceu-a trôpega, e, quando se sentiu banhada de luz á porta da rua, suspirou, como libertada de transe angustioso, procurou orientar-se da direcção a seguir. Havia muito tempo que ella não percorria a cidade para aquelles lados, onde se emaranhavam ruas, bêccos estreitos, de aspécto estranho.

Nesse momento, a chuva miúda recrudescceu em bátegas fortes. Uma torrente de lama espumosa inundou a viéla, e a marqueza foi obrigada a esperar, recolhendo ao corredôr sombrío, receiosa de ver surdir outra cliente, que seria tambem retida pelo temporal e ficariam juntas, como delinquentes do mesmo crime, da mesma abjécção: ella, denunciada, expôsta á curiosidade da outra, que seria, talvez, uma dessas infelizes sem escrúpulos, capaz de compromettê-la.

Um bonde parou a poucos passos de distancia, e a marqueza, sem attender á chuva, que continuava a pingar cada vêz mais abundante, entrou nelle e deixou-se cair num dos bancos molhados que o conductor fingia enchugar com um sujo trapo de camúrsa. O vehiculo percorreu a linha até á extremidade, onde mudaram os burros; e voltaram, com estrépito, os encôstos dos bancos, e, depois de percorrer muitas rúas estreitas e alagadas, parou no largo de S. Francisco de Paula.

A marqueza, tiritando de frio, muito molhada e muito commovida, tomou o *coupé* que a esperava sob uma amendoeira frondosa de fôlhas reluzentes, como placas de esmalte vêrde luminoso.

— Para a casa — disse ella ao cocheiro, todo embiocado num capôte de borracha.

O carro partiu a largo trôte.

(Continúa)

SCIENCIA E INDUSTRIA

A ENXAQUÊCA

A enxaquêca hemicrânea é uma moléstia de accéssos, repetindo-se muitas vêzes por anno, por mez, ora naturalmente, ora provocada por uma influencia qualquer. Como causas de predisposição, pôdem-se citar a hereditariédade, as diátheses arthritica e gottôsa, o herpétismo, a anemia, e, como causas occasionaes — as prolongadas vigílias, os trabalhos intellectuaes, as digéstões difficeis, a luz viva, os cheiros.

Essa moléstia tem um periodo inicial ou prodómico, caracterisado pela inaptidão para o trabalho, pela irritabilidade, pela hyperesthesía sensórial. Apparece, depois, o segundo periodo, geralmente, pela manhã, apôz uma noite de somno pezado e prolongado, ou depois do almôço.

A duração dos accéssos é variavel — de seis horas a um ou dois dias.

A cephalagía é, ao principio, limitada a uma região temporal ou circumórbitaria, depois generalisada a um lado inteiro, o esquerdo; a mór parte das vêzes, é lancinante, pezada, esperada pelos movimentos da marcha,

do barúlho, da luz. Algumas vêzes, passa de um lado para outro; em certos casos, a dôr é atrôz, o doente tem a sensação de esmagamento, de perfuração, de desconjunctamento dos óssos do crâneo; tem a face injéctada ou pállida, grande agudêza nos sentidos, sendo as dôres superexcitadas pelo menor ruído, pela mais fraca luz.

No principio do accéso, os doentes sentem um máu estar do estomago, bocêjam, têm náuseas e, por fim, vomitam, seguindo-se sempre a prisão de ventre. Depois dessas manifestações, consêrvam um torpôr intellectual que só desaparece com o somno.

A enxaquêca tem caractéres tão perfeitos, que é impossivel confundil-a com outras cephalagías.

Admittiu-se uma enxaquêca ophthalmica, tendo como caractéres especiaes, a obnibulação — espécie de deslumbramento, de vertigem, a hemiopia e o scótomo scintillante. O doente experimenta a sensação de feixes de faíscas, de bólas de fogo; vêem, depois, os outros symptomas — dôr frontal, náuseas, vomitos e, algumas vêzes, certo embaráço da palavra.

Esta espécie de enxaquêca não é de prognóstico grave; contra ella, dão bons resultados a antipirina, a quinina; mas, é indispensavel que, ao apparecimento do accéso, o doente se conserve no mais absoluto repouso em logar frêsko, obscuro e silencioso. Como tratamento extérno, obtém-se allivio com algumas gôttas de éther em uma compréssa d'agua fria, applicada á região dolorida.

Nos intervallos dos accéssos, o ferro, a hydrotherápia, os alcalinos, os arsenicaes pôdem ser muito utéis; mas, sómente, o médico dêve indicál-os, confôrme a causa da moléstia.

Essa moléstia torturante, traídora, que nos assalta de repente, que nos inutilisa de um momento para outro, e ameaça de incerteza permanente a nossa actividade, passa, ás vêzes, súbitamente, sem remédios.

E' a enfermidade para a qual existe a maior somma de mésinhas inventadas pela superstição. Ha doentes que trazem, continuamente, na algibeira, duas castanhas de cajú; e, além de muitas bruxarias, que seria fastidioso enumerar, ha quem aconselhe trazer, como preservativo uma gallinha. O soffrimento prolongado, chronico, não discute, não escólhe meios de allivio. Sem isso, não existiriam charlatães.

* *

NUVENS ELÉCTRISADAS

O *New York Herald* narrou um curioso phenomeno, testemunhado pelo capitão Urghart, commandante do navio inglez *Mohican*, em viagem para Philadelphia.

O navio navegava para o Delaware

Breakowater, quando uma nuvem phosphorescente o envolveu, magnétisando tudo a bórdo. Casco e tripulação estavam cercados de fôgo, e a bússola, tresloucada, entrou a girar com rapidez.

Por ordem do commandante, diversos marinheiros tentaram remover, sobre o convéz, correntes de férro; isto, porém, não foi possível, si bem que seu pêzo não excêdesse de vinte e oito kilogrammas, cada uma. Tudo estava imantado—correntes, cavilhas, prégos, barras adheriam fortemente ao convéz, como si estivessem a elle soldados.

A nuvem era tão densa que não foi possível governar o navio. Não se via nada a pequena distancia, e cada objecto figurava como uma massa abraçada. A nuvem se elevou repentinamente, ao ar e a phosphorescencia enfraqueceu sobre o navio; e dentro de alguns minutos, estava longe, podendo ser acompanhada com o olhar, durante algum tempo, a pairar sobre o oceano.

Esse phenomeno é rarissimo, e não consta que outrem o tenha observado tão perto e com tanta intensidade, como o capitão Urrhart.

* * *

COBRAS EM OVOS

As supérstições são cosmopolitas; encontram-se em todos os povos, selvagens, barbaros e cultos, com pequenas variações.

Affirma a gente do campo que ha cóbras, que furtam o leite aos bezeros, mamando o leite das vacças. Nos sertões do norte, passa, como certo, que cóbras pretas, inócuas, se introduzem no leito das mulhières puérperas; afastam-lhes os filhos do seio e os illúdem, mettendo-lhes a ponta da cauda na bôcca, enquanto ellas sugam, suavemente, o leite matérno.

Todas as cóbras são muito amigas de ovos; mas, parece inverosímil que dentro delles se encontrem cóbrinhas vivas como muita gente rúde acredita e affirma; entretanto, o phenomeno não deixa de ter, como todas as abusões populares, um fundo de verdade, falseada pela má observação.

As cóbrinhas observadas dentro de ovos são vérmes.

Conta Henri de Parville que um fazendeiro levára a mr. Dervieux um ovo de gallinha, com a casca intácta, no qual, observado á luz, se divisava um còrpo comprido que circulava na clára, confórme o plano perpendicular ao grande eixo do ovo. Quebrada a casca, encontrou-se um vérme muito espérto, de quasi quatro centímetros de extensão, o qual se enrolou com presteza em tórno do dêdo do observador.

Esse vérme morreu algumas horas depois de sua exposição ao ar.

Todos os naturalistas conhecem a intrusão de vérmes em ovos; são elles, em geral, heterákis que representam,

nas aves, o mesmo papel que as ascáridas nos mamíferos e no homem. Vivem no intéstino, e pôdem descer á cloáca, subir dali para o óviducto, sendo retidos na albumina e na casca do ovo; e, assim como dentro desta um pinto pôde desenvolver-se, não é admiravel que o mesmo succêda com o helmintho.

E fica, deste modo, scientificamente explicada a presença de cóbrinhas dentro de ovos, phenomeno que não é commum, mas nada tem de sobrenatural ou maravilhoso, confórme a crençice popular.

* * *

ROUPA DE PAPEL

Eram conhecidas várias applicações do papel aos mais extraordinários mistéres: delle se fabricavam parêdes, téctos impermeaveis, móveis, pratos e até ródas de wagons, não falando nos collarinhos, lenços, saías, usados de longa data; agóra estão sendo fabricados, em Pariz, colêtes de papel por mr. Crabbe.

O papel é um isolador de primeira ordem do calôr e da eléctricidade. Basta esfregar, fortemente, uma fôlha de papel vulgar, bem sêcca ao fôgo, para obtêr que ella adhira a uma parêde, e produzir scentêlhas azuladas si lhe tocarmos com o dêdo no escuro; e, applicado á pelle, pôde exercer uma função therapeutica. Em relação ao calôr, é ainda mais notavel a sua propriedade isoladora. E' por isso que os velhos andarilhos, caçadores, usam de jornaes para embrulharem os pés quando sentem frio, ou collocál-os dentro dos sapatos, ou como abrigo ao peito, produzindo melhores effeitos do que qualquer tecido de egual espêssura.

Sendo, porém, o papel ordinário mui pouco resistente, mr. Crabbe inventou um, sólido, como um tecido de sêda, análogo ao empregado, actualmente, no exército japonéz; e com elle fabrica colêtes, que se applicam sobre a pelle, sobre o colête de flanella ordinária ou sobre a camisa, impedindo, absolutamente, os resfriamentos, e podendo ser trazido, por prevenção, bem dobrado no bôlso.

Esse colête péza 45 grammas e é muito barato.

Não precisamos desses presérvativos do frio, e recommendariamos a mr. Crabbe um tecido de papel que não amolecêsse ás inundações de suor, e nos alliviásse da temperatura abraçada que, nestes dias de verão, nos derrête os miólos, e nos estiôla a actividade para trabalhar.

* * *

O SEXTO SATÉLLITE DE JUPITER

Escreve Emile Touchet, de *La Nature*:

Está ainda bem viva a impressão

produzida pela descoberta, feita pelo astrónomo Barnard, do observatório de Lick, no monte Hamilton da California, em 9 de setembro de 1892, do quinto satélite de Júpiter, gyrando em tórno do planeta principal em... 11h57m23s, muito fraco, da 15.^a grandeza.

Mr. Pickering, mais recentemente, em 1899 e na America, descobriu por meio da photographia, um nono satélite de Satúrno, astro que não foi, immediatamente, acceito por todos os astrónomos, sendo sómente confirmada esta descoberta, visualmente e photographicamente, o anno passado.

Elle era muito pequeno e demandou os mais poderosos instrumentos para ser percebido.

Viram-no Barnard e Turner, a 8 de agosto ultimo, com o auxilio do equatorial de 1m,05 do observatório Yerkes, como um ponto imperceptivel, de 15 1/2 ou de 16.^a grandeza, não devendo o seu diâmetro exceder a 160 kilometros, com movimento retrógrado, no sentido invérso ás outras oito lúas conhecidas do mesmo planêta.

Os contínuos progressos da óptica deveriam promover grandes resultados das investigações feitas para a descoberta de outros satélites; e assim succedeu. Mr. Perrine, no mesmo observatório de Lick, acaba de descobrir um sêxto satélite de Júpiter, pequeno còrpo, cuja existencia foi verificada no exame de *clichés* photographicos, obtidos de 3 de dezembro ultimo a 4 de janeiro. Seu brilho seria de 14.^a grandeza, e elle estava á distancia de 45, do planêta, a 4 de janeiro. No mesmo dia, a sua observação dirécta foi feita no reflector Crossley, do mesmo estabelecimento.

Essa nova adição á familia de Júpiter, é devida á photographia, cuja influencia, como meio de investigações astronomicas, se affirma cada dia mais nas descobertas de grande importancia scientifica.

Não se dêve esquecer que Júpiter, por seu intenso brilho, tórna as investigações muito difficeis por causa da illuminação que prodúz, e não que se eclipsam todos os pequenos còrpos em derrédor.



O KAISER, FRANCEZ

Será para muitos uma surpresa saber que o imperador da Allemanha é de descendencia francêza—pelo lado de seu pae, pelo lado de sua avó patérna e pelo lado de sua mãe.

Diz o barão de Heckedorf que, erigindo o Kaiser uma estátua ao almirante Coligny, rendeu homenagem á memoria de um antepassado sem a significação, attribuída por muitos, de uma manifestação politico-religiosa,

ou uma espécie de protéstio contra o massacre da S. Barthelemy.

O imperador é duplamente descendente de Colygnny, tanto pelos Hohenzollerns, como pelos duques de Saxe Weimar. O almirante Gaspar de Colygnny deixou uma filha — Luiza, que, em 1583, se tornou esposa de Guilherme de Nassau-Dillenburg. Deste casamento, nasceu Frederico Henrique de Nassau, que se casou com Emilia de Solms, cujo segundo filho — Luiza Henriquétta, se tornou, em 1646, mulher de Frederico Guilherme I, de Brandenburgo, sendo descendente desse enlâce, em linha récta, Guilherme I, avô do Kaiser.

Pelo outro ramo, elle é descendente de Colygnny por sua avó, a imperatriz Augusta. O terceiro filho de Frederico Augusto Nassau e Emilia de Solms, chamado Henriquétta Catharina, tornou-se mulher de George II, de Anhalt-Desseau, e a imperatriz Augusta é descendente do segundo filho dessa união.

Finalmente, o Kaiser por sua mãe, a imperatriz Frederica é ainda de descendencia franceza. Elle é, de facto, descendente, pelo lado matérno, de Claudio, duque de Guise e de Alexandre Denuier, de Olbreuse.

PAGINAS ESQUECIDAS

MORENA

Não negues, confessa
Que tens certa pena
Que as mais raparigas
Te chamem morena.

Pois eu não gostava,
Parece-me, a mim,
De vér o teu rôsto
Da côr do jasmim.

Eu não... mas enfim
E' fraca a razão,
Pois pouco te impórta
Que eu góste ou que não.

Mas, olha as violétas
Que, sendo umas prêtas,
O cheiro que téem!
Vê lá que seria
Se Deus as fizésse
Morenas também!

Tu és a mais rára
De todas as rósas;
E as coisas mais raras
São mais preciosas.

Ha rósas dobradas
E ha-as singélas:
Mas, são todas ellas
Azúes, amaréllas,
De côr de açucenas
De muita outra côr;
Mas, rósas morenas,
Só tu, linda flôr.

E olha que fôram
Morenas e bem
As moças mais lindas
De Jérusalém.
E a Virgem Maria
Não sei... mas seria
Morena também.

Moreno era Christo.
Vê lá depois disto
Se ainda tens pena
Que as mais raparigas
Te chamem morena.

GUERRA JUNQUEIRO.

*
**

BILHETES DE PARIZ

Aos Estudantes do Brazil

—
SOBRE O CASO QUE DELLES CONTA
MME. SARAH BERNHARDT

I

Mme. Sarah Bernhardt publicou recentemente no *Figaro*, uma concisa apologia da sua Vida e do seu Genio.

Apezar da concisão, tão substancial e recheiada de factos, nos apparece este papel, que bem penso que a consideravel senhora o poderia ter intitulado: — *Historia da minha Missão e da minha Influencia Civilisadora na America do Norte e do Sul*. E se em tal documento, desde hoje historico, ha verdade historica, vós, ahí no Brazil, meus amigos, sois estranhamente culpados! sois horrendamente culpados, oh! meus dôces amigos!

Ora, eu creio que a Apologia de mme. Sarah Bernhardt é sólida e verídica. Ella não nasceu nem da verdade, nem da illusão. Não temos aqui uma velha e manhosa actriz que, por hábito de camarim e de «maquilhagem», devendo recapitular deante de um Publico crédulo a sua carreira, a sobrecarréga, á prêssa, com grossas pinceladas de púrpura e d'ouro, para lhe dar a radiancia postíça de um sól. Não temos aqui também uma ingenua creatura que, vivendo sempre dentro de uma luminosa névoa de louvôres, perde o sentimento exacto da sua estatura, se considera tão grande como esse illuminante nevoeiro a apparenta, e, dôcemente embriagada, aliúde á sua grandeza com a simplicidade e a graça lhana com que alludiria á côr dos seus olhos, que não póde disfarçar nem pintar. Não! Nesta Apologia de mme. Bernhardt ha méramente uma mulher muito conscienciosa, muito séria, que, em perfeito silencio e perfeita solidão, longe do sussúrro adulator das turbas, se collóca em frente da sua Vida, a interrroga, a esquadriinha, a revive, e não encontrando através della senão altos feitos, concepções geniaes, triumphos radiosos, influencias nobremente exercidas, se

vê forçada (apezar da sua modéstia e da sua humildade) a confessar publicamente, estridentemente, que é heroica, que é genial, que é triumphadora e que bem mereceu dos Póvos! Por isso, mme. Bernhardt, muito candidamente, e baixando os olhos, chamou ao seu documento, EXAME DE CONSCIENCIA.

De resto, os motivos que a levaram a emprehender este grave *Exame*, garantem a sua veracidade. Senão, vêde! A Litteratura de Pariz, aquella parte da Litteratura que mais especialmente vive do Theatro, creando, criticando, noticiando, ou apenas parasitando, resolveu celebrar a Apotheóse de mme. Sarah Bernhardt. Apotheóse absolutamente legitima. Mme. Bernhardt não é sómente a actriz de garganta de ouro e alada inspiração, que, através dos Dous Mundos, com muita glória e muito lucro, nos tem arralhado e rugido *D. Sol*, a *Dama das Camélias*, a *Phédra*, a *Theodóra* e outras tocantes ou terriveis.

Um mérito mais raro e mais estheticamente precioso a tórna merecedora de todas essas honras cesareanas, quasi divinas, que (segundo ella affirmava) a Terra unanime lhe tem prodigalizado. Como muito bem notou o bom poeta Rostand, num dos sonetos jaculatorios que fôram declamados nesse dia da Apotheóse (porque agóra, em Pariz, como Lisbôa, no tempo do sr. d. João VI, não ha festa sem soneto) mme. Bernhardt é a derradeira inspirada que nos resta, neste século de chata e monótona materialidade, capaz de resuscitar, com sumptoso idealismo, as emoções e as maneiras das edades Épicas e Romanêscas. E este dom é inestimavel. Só mme. Bernhardt, com effeito, sabe ainda descer uma branca e tragica escadaria, e parar pathéticamente em cada branco degráu, com solemnes brocados brancos a arrastar, exálanlo, toda ella, fatalidade e terror! Só ella sabe, num altivo scenário de arcarías e douradas abóbadas, atravessar entre alas de escravos ou de príncipes, toda rutilante e hirta com o pézo das pedrarias, os olhos hieraticamente estáticos, erguendo na mão um lirio pállido! Só ella ainda sabe com o braço nú, brandindo um ferro, lançar uma imprecação ao destino. Só ella póde ainda ser, entre nós, a Cortesã Hindú, corôada de rósas e enamorada de um Deus! Só ella, nestes tempos de crimes deselegantes, assassina com elegancia!.. Ora, no meio do descorado burguezismo do Drama Contemporâneo e da chocarrice villã das Comédias, e da universal fealdade das attitúdes, estas cousas grandiosas que mme. Bernhardt ainda sabe fazer, com tão esplendido relêvo, são uma consolação para os que conservam o salutar amôr do Pittorêscico e do Romanêscico. E accrésce ainda que esta privilegiada mulher,

quer represente em Pariz, quer se exhiba no Nicarágua, todas as noites, depois de muito arrulhar e tão arrulhadamente que ninguem percebe as doçúras que ella arrulhou, e depois de rugir e tão rugidoramente que ninguem comprehende os furôres que ella rugiu, tem sempre ahi, cêrca das onze horas ou onze e meia, um momento, dois momentos, em que é genuinamente e incomparavelmente sublime.

De sôrte que ninguem, com algum gôsto pela paixão e pela sua expressão decorativa, pôde regatear a Apotheôse a esta Princeza dos gritos magnificos e a Rainha das nobres attitúdes.

A Apotheôse devia consistir num almôço no Grande Hotel, a 30 francos por cabeça, vinho comprehendido... Sim, amigos, velemos a face, gemendo! *Grand Hotel* — trinta francos — vinho comprehendido!... Que que-reis? E' a irremediavel pelintrice dos tempos. Ah! não! não estamos já no século radiante, nesse Domingo de Páschoa, em que Petrárcha, vestido com a tunica de púrpura que lhe dera Roberto d'Anjou, trovador e rei de Napoles, precedido pela Assembléa da Nobreza, toda emplumada e coberta tambem de escarláte e de ouro, seguido pelo Senado nos seus grandes mantos de brocado vêrde, atravessava as rúas de Roma, entre as aclamações de um pôvo deslumbrado, sob uma perfumada chuva de flôres, para receber nas escadas do Capitólio, das mãos do Syndico Romano, a corôa de louro. a corôa dos antigos triumphos, enquanto resôavam as tubas e repicavam os sinos, e diante do Poeta se inclinavam todos os estandartes da Italia!

Ah! de certo, mme. Sarah Bernhardt seria a mulher para atravessar os *boulevards* de Pariz, sobêrbamente envôlta na tunica de púrpura de Roberto d'Anjou.

Mas, só ella nos resta — e tudo o mais nos falta! Já não ha rei de Napoles, bom humanista e bom trovador, para remetter por uma embaixada a púrpura augusta! Já não ha Nobreza que, para uma gála poetica, se cúbra de vellúdos recamados de ouro! Já não ha senadores arrastando brocados vêrdes sobre um chão juncado de rósas! Já não ha sinos que repiquem, nem pendões que se inclinem quando um Poeta passa! Já não ha nada: — ha só mme. Bernhardt, o *Grand Hotel* e um resto de vinho falsificado. Todavia, sejamos jústos. Além do almôço e do hymno, e do sonêto inevitavel de Coppée, havia no programma da Apotheôse — uma Surpreza. Todo o Pariz, todo o Pariz de theatro, se entrelhava sorrindo com enternecimento (ou com malicia) e se entre-segrêdava a Surpreza. Na véspera da Apotheôse, os jornaes, piscando o olho, alludiram

á Surpreza. Já mesmo mme. Bernhardt, séria e grave, conhecia a Surpreza?... Sabeis qual era a Surpreza?... No dia da Apotheôse, cêdo, de manhã, o Estado iria ao *Grand Hotel*, penetraria pé ante pé, na sala do almôço ainda desérta, e, deante do logar bem enfeitado de mme. Bernhardt, resvalaria sorrateiramente, entre o prato e o guardanápo, a crúz da Legião de Honra! Esta era a Surpreza.

E foi então que o *Figaro* (com aquelle seu bello fáro hespanhol pelas coisas intensamente picarêscas) pediu a mme. Sarah Bernhardt que procedêsse a um *exame de consciencia*, recolhêsse a sua vida tão largamente espalhada pelo mundo, e interrogásse com sevêra sincêridade, e declarásse depois, perante a Europa, pondo a mão sobre o ardente coração, se na realidade se considerava merecedora da Apotheôse, do almôço, do hymno, do sonêto e da Surpreza. Mme. Sarah Bernhardt, naturalmente habituada aos lances pathéticos, não hesitou. Durante uma longa noite, na sua alcôva (ou no seu Oratório, que esta terrivel mulher é capacissima de o ter!) recolhida, *ensimesnada*, segundo a velha fórmula metaphysica, esmiúçou toda a sua Vida, nos seus motivos e nos seus resultados, com escrupuloso rigôr de quem, estando deante de si propria, se sentia deante de uma Divindade... E ao outro dia de manhã, subiu á mais alta columna do *Figaro*, e muito sóbriamente, recusando ao seu discúrso esses bordados e lavôres que prodigalísa nos seus vestidos, declarou que, tendo examinado a sua Consciencia, considerava-se merecedora da Apotheôse, do almôço, do hymno, do sonêto e da Surpreza! E assim se considerava porque, além de ser uma artista genial e ter hercúleamente trabalhado, concorrêra (escutai! escutai! não percais isto!) — concorrêra a civilisar a Austrália, o Canadá, sobretudo a America do Sul, e a implantar nessas regiões o amor da França, das lettras francezas e da Civilização franceza! E de um modo tão insinuante, com uma graça tão intelléctual, que recebêra desses pôvos (escutai! por Deus! não percais agóra este final!) — recebêra desses pôvos ovações, preitos, vassalagens, gritos de reconhecimento, honras quasi divinas, como só as recebem os conquistadores d'almas e os annunciadores de Evangélhos!... E seguidamente mme. Bernhardt citou, como próvas historicas, esses preitos, essas vassalagens. Disse o desembarque triumphal na Austrália. Disse o portentoso cortêjo no Canadá, sobre a néve. Disse o episódio pavoroso com as senhoras do Chile. E, por fim, disse o caso supremo, o caso que ultrapássa todos os casos, o caso com os Estudantes do Brazil!

Ah! meus dôces amigos, é ver-

dade?... Mas, para conversar sobre este caso, que me suffôca, eu necesito o ar, o espaço e a tranquillidad de outro bilhête.

ÊÇA DE QUEIROZ.

Pariz, 1893

*
*
*

VERSOS SOMBRIOS

Fítamo-nos um dia. O desconfôrto
De vil desdíta sobre nós caía...
Era igual nossa Cruz, o nosso Hôrto,
O Gólgatha sem fim que nos pungia!

Irmãos roláram sempre os nossos prantos
Teu solúço foi sempre irmão do meu,
Tu me amparáste nos mortaes quebrantos,
Nos teus quebrantos amparei-te eu.

Perfilou-nos a mesma Desventura,
Tombei no mesmo pó em que tombáste...
Astros,—brilhamos numa igual altura!
Astros,—caímos dum equal engáste!

Que tórvos dias! Que soffrer medonho
A que rendi-me e alfim tu te rendêste!
Ali perdi o meu primeiro sonho,
E o sonho derradeiro tu perdêste.

Tão fratérnal nos mundanaes caminhos,
Foi nossa vida tal tem sido aqui,
Que quando a Sôrte me crivou de espinhos
Em densas sombras envolveu-te a ti.

Ali entramos joviaes, facêtos,
Labio encrustado de sorrisos francos,
Ali entramos de cabêllos prêtos,
Dali saímos de cabêllos brancos.

.....
Temos o mesmo norte,—a sepultura,
E dos homens as mesmas ironías,
Basta dos sonhos duma equal ventura
E adóptivos das mesmas agonías.

E máu não fui, a consciencia diz-m'o
E o meu dôce passado que fulgiu;
Perdôo a mão que me lançou no abysmo
E o coração sem dó que me feriu!

Na vida, que nos foi um livro brando,
Bello tomo de fôlhas côr de rósa,
Esses dias que fiquem negrêjando
Como uma reticencia dolorosa!

JOÃO DE DEUS DO REGO.

A GUERRA DO ORIENTE

Depois de dez mezes de Mandchuria, Ludovic Naudeau, chegou á conclusão de que o succésso dos japonezes é devido simplesmente a isto: elles sabem; os russos não sabem nada.

Do paiz, que os japonezes durante annos estudaram com immenso cuidado as montanhas, os vâlles, os rios, as estações, as cultúras, os recúrsoes de toda a ordem, a maior parte dos russos ignoravam, e os proprios officiaes, que alli haviam estado, apenas conheciam a ouréla de zona norte sul á margem do caminho de ferro.

Nunca essa ignorancia absoluta, essa falta de preparo para a guerra se manifestou mais deploravel que, no curso do movimento envolvente, tentado pelo exército do general Stakelberg, quando a experiencia provára que, nove mezes depois do inicio das hostilidades, o estado maior russo não possuía noção alguma precisa sobre o paiz, a 50 kilometros a léste do trêcho de caminho de ferro entre Mukden e Liao Yang.

Qualquer outra nação que, em vêz dos russos, tivésse occupado a Mandchuria desde 1895, seu primeiro cuidado seria levantar a carta do territorio; nenhum obstáculo a isso se opporia; mas, não pensaram nisso, e os vícios inherentes ao regimen russo crearam empecilhos á boa vontade de officiaes laboriosos, e. . . *Nitchevo!*

Mesmo durante o periodo de tensão que precedeu á guerra, todo o anno de 1903, os russos deveriam ter preenchido essa lacúna; entretanto, não tomavam ao sério os protéstos japonezes e, obsecados de orgúlho, não tinham idéa vaga das fôrças do adversário. Disse Naudeau saber, de fonte absolutamente segura, que um dos generaes encarregados, no exército actual, de uma das posições mais importantes, dizia, durante os primeiros dias da guerra a um coronel, cheio de inquietações: — Não se preocupe. Tenha sempre bem presente no espirito que os japonezes dêvem ser batidos, como chinezes.

Esse estado de animo era, evidentemente, desfavoravel á preparação racional da campanha.

Essa carta, que não fôra levantada em 1895, nem em 1903, deveria, ao menos, ser esboçada durante a guerra.

De 8 de fevereiro aos primeiros dias de setembro, a guerra se desenvolveu ao sul de Liao-Yang; tinham, portanto, os russos dominado toda a zona, e lhe poderiam, facilmente, estudar o relêvo; mas, não haviam sequer previsto que teriam de enviar álli um de seus exércitos, para mandarem estudá-la por seus cartographos ou, ao menos, officiaes do estado maior. Na guerra, é indispensavel prevêêr e pensar, porque, para defrontar as difficuldades da guerra moderna, é a previdencia a qualidade essencial de um chefe; entretanto, a dolorosa verdade é: que a carta de toda a região dilatada ao suéste de Mukden, ou ao sul de uma linha, traçada de Fouling a Fonchoun e Impan, sómente foi começada em setembro, alguns dias antes de iniciar o exército de Stakelberg o seu movimento envolvente.

Além disso, desde as primeiras horas da guerra, os mais graves equívocos fôram imputados á ignorancia, em que laboravam os generaes russos, da configuração do terreno onde deveriam manóbrar. Na occasião da passagem

do Yalou pelos japonezes, a batalha Turreu-Cheu demonstrára, claramente, que estes tinham sobre os russos, quanto aos conhecimentos geographicos do paiz e ás possibilidades da guerra de montanha, uma superioridade tal que, para evocá-la por palavras, se compararia o enórme ao infimo.

Muita vêz, centenas de vêzes, desde o principio da guerra, devêram os russos repetidos desastres, sinão catástrophes, á imperfeição de suas cartas; muita vêz, na confiança de indicações inexactas, pequenos destacamentos se perderam e não conseguiram chegar, a tempo, ao ponto destinado, ou se lançaram, cégamente, no grosso das fôrças inimigas. Muita vêz, confiando em cartas falsas, generaes e coronéis russos se enganaram ácerca da altura de certas montanhas e consideraram absolutamente inaccessíveis cristas, onde, de repente, surgiam a infanteria japoneza e canhões de montanha.

A mais grave consequencia da rudimentária noção do paiz, demonstrada pelo generalissimo e seus chefes, foi a conquista, fácil para os japonezes, dos desfiladeiros que se abrem sobre o suéste de Liao-Yang, e dominam, absolutamente, as visinhanças dessa praça fôrte. Acabámos de presenciar a offensiva russa, todos os regimentos sibirianos se despedaçarem no desfiladeiro de Tou-Mouin-Ling, onde ouvimos dizer que os japonezes haviam deixado fôrças muito modéstas e onde ficaram victoriosos, empregando, apenas, com parcemonia, a sua artilharía.

Durante as horas, que passei em Tou-Mouin-Ling, recordei as palavras prophéticas de um principe estrangeiro, addido ao exército russo: abandonámos, agóra, dando combates de réctaguarda, os desfiladeiros que formam, aos meus olhos, o verdadeiro systema de defeza de toda a Mandchuria, os quaes, defendidos racionalmente, deveriam esbarrar os japonezes e ficarem juncados de cadáveres. No dia em que o exército russo tomar a offensiva, quando fôrmos de encontro a um desses desfiladeiros, ali sacrificaremos, em pura pêrda, regimentos inteiros. Essas linhas de passagem, das quaes retiramos, com tanta benevolencia, custará, quando quizérmos retomá-la, cincoenta mil homens.

Mas, para defender esses desfiladeiros, seria indispensavel estudar as montanhas, que os cercam; verificar si os declives são ou não accessíveis; si as respectivas cristas poderiam, ou não, ser guarnecidas de artilharía, quaes os cúmes, finalmente, dominantes dos outros e de todo o massiço. Isto, que os russos ignoravam, os japonezes conheciam perfeitamente. De resto, que poderia fazer o exército russo, desprovido de artilharía de montanha, contra os japonezes, possuidores de centenas desses pequenos canhões, tão

leves, tão fáceis de manóbrar, de guindar aos cúmes, sómente considerados inaccessíveis aos olhos de homens inexperientes, afastados, pela primeira vêz, das suas planicies? Os russos não tinham artilharía de montanha; não sabiam que, para a guerra na Mandchuria, era essencial aquella arma; que o adversário eventual poria em linha numerosas baterias desses canhões ligeiros. E isto demonstra que fazer guerra em montanhas, guerra offensiva, é um impossivel para um exército desprovido de uma boa carta.

Os russos dispunham de pessimas cartas, e essas mesmas, (coisa incomprehensível) em outubro, nove mezes antes do primeiro atáque a Porto Arthur, fôram distribuidas em numero insufficiente. Sei de officiaes do estado maior, patriotas descoraçoados e, todavia, resolutos, que, muita vêz, se viram obrigados a esperar que um collega lhes emprestasse uma dessas cartas.

A verdade essencial que, na situação actual, domina todas as outras, é que as tristezas, as incoherencias, as perturbações da primeira campanha, resultam da surpresa de 8 de fevereiro.

Esta guerra não é normal; é um accidente, uma catástrophe, na qual os russos se acharam envolvidos sem nada preverem, sem as idéas geraes de que deveriam decorrer, em tal paiz, a estratégia e a táctica.

Desse paiz, os russos ignoravam tudo, não sómente a geographia, mas as particularidades mais caracteristicas. Ouvimos, no mez de maio, quando os *gaolian* attingiam, apenas, os joelhos de um homem, officiaes perguntarem o que era essa planta e para que servia. Ignoravam que, dois mezes mais tarde, o paiz estaria, em extensões immensas, coberto de um junco, que modificaria, completamente, as condições da guerra; tornaria impossiveis os reconhecimentos, e facilitaria singularmente a offensiva. Os russos ignoravam, ao passo que os japonezes sabiam disso.

* * *

Durante o estío, doloroso e mortal, observando o ridiculo fardamento dos soldados e officiaes, reflectí si, partindo para a Mandchuria, esses bravos tinham alguma noção do clima do paiz onde se iam bater, e cheguei á conclusão de que o ignoravam absolutamente. Nada mais disparatado, mais incoherente e menos militar que as roupas de estío improvisadas, aqui, com fazendas chinezas para muitos officiaes, que, parecia, terem chegado com os seus uniformes de inverno como si não tivéssem recebido da administração fardamentos regulares apropriados ao clima. Vimos mercadores, carregadores venderem na estação de Mukden e Liao-Yang, pelo triplo do

valôr, tunicas de *khaki*, disputadas pelos officiaes, porque não se previa que, nos calôres de julho e agosto, os officiaes necessitassem de uniformes léves. Não se pensára, tambem, em fornecer aos soldados que iam combater em montanhas, sapatos ferrados para facilitarem a escalada dos declives; e eu constatei que mortos e feridos japonezes calçavam bôtas, armadas de fôrtes prégos, verdadeiros sapatos de alpinista.

Quanta vêz, experimentei uma profunda piedade, vendo tantos infelizes soldados russos receberem, stoicamente, no periodo chuvoso do estío, trombas que encharcavam seus miseraveis molambos. Ouvira-se, certamente, dizer, na Russia, que a estação das chuvas reinava na Mandchuria; fizérase um grande esfôrço para providenciar a respeito; mas, as roupas impermeaveis chegaram tarde, em pequena quantidade, de sôrte que a mór-parte dos soldados fôrão lavados e relavados pelas chuvas do estío e do outono. Exgotados por longas marchas, por um calôr de estúfa, o côrpo molhado, o estomago cheio de pepinos vêrdes, colhidos, livremente, nos campos, é natural que cada soldado fôsse victima da desyntheria. Dahi, o facto de existirem trinta mil doentes nos hospitaes de Liao-Yang, Mukden e Karbin; e, si bem que a mortalidade fôsse, relativamente, pequena, muitos ficaram anemicos, de pauperados. Prohibiu-se, por fim, aos soldados, o consumo do pepino; mas muito tarde. Dever-se-ia, entretanto, saber, desde o inicio da campanha, que soldados europeus, embóra de uma raça robústa, não poderiam, sem os mais graves prejuizos, suppórtar o clima do verão da Mandchuria, sem certas precauções. Quanta vêz, imaginei as polemicas violentas que se suscitariam em Pariz, em Londres, si se enviassem trôpas a uma guerra colonial, em condições tão rudimentárias: seria isso motivo para quedas de ministério, demissões de generaes.

E' agradável referir que o exército russo não se deixou surprehender pelo frio, como fôra pelo calôr. O estranho paiz que, desde fevereiro, habitamos, tem, no verão, uma temperatura igual á do sul da Algéria, e Marrócos; mas, no invérno o seu clima corresponde ao da Groelândia. Muito atacado pelos abraçamentos trópicaes, o exército russo iniciou, desde setembro, os preparativos de invérnagem. Milhares de capôtes alcôchoados chegaram da Russia e a industria chinesa forneceu hediondos trajés, muito quentes.

Os russos conhecem os grandes frios; estão habituados a lutar contra elles; não os incommodavam preparativos de invérnagem: isto, ao menos, elles sabiam.

BURRO OU CÃO?

Burro ou cão? e Melchisedec da Silva, de mãos nos bolsos, medía, a largas passadas, o seu quarto de sabio e celibatário, com uma duvida no espirito, mais incoercível que a de Hamlet: burro ou cão?

A mascara de burro, um primor, lembrava a cabeça asinina que Puck fez crescer sobre os hombros de Bottom; a de cão era tão perfeita que o velho Pachá andava pelos cantos, erriçado, desconfiado, a roncar. Melchisedec não se decidia e, hesitante, queimava charutos, e era tanta a fumaça no aposento que as estantes, altas e atochadas de preciosos volumes, desappareciam abrumadas pelo fumo, menos denso, entretanto, do que a duvida que escurecia o claro espirito do profundo psychólogo. Burro ou cão?

Quando entrei para consultar o meu esclarecido amigo sobre um aphorismo complicado de Mencio, o espanto reteve-me á porta, sobre um velho atlas de ethnographia, que servia de capacho. Não vi Melchisedec, o que vi foi uma espécie de Anubis, de quinzena, contemplando-se a um espelho com serenidade. O velho Pachá bufava trepado na mais alta estante, com os olhos rebrilhando como duas brazas. Por fim, o cynocéphalo voltou-se para o meu lado, e, em vêz de ladrar, disse-me com intimidade: «Entra, homem»; e logo reconheci a vóz do meu erudito amigo que, para tranquilisar-me, retirando a mascara, mostrou-me o seu rôsto magro e pállido, onde a barba crescida punha uma arripiada sombra.

— Que capricho é esse, Melchisedec? O sabio encolheu os hombros estreitos, e sentou-se cançadamente, com um suspiro.

— Váes saír fantasiado?

De novo, encolheu os hombros com indifferença. Por fim, depois de alisar a fronte vasta, perguntou-me:

— Que dizes: burro ou cão?

— Burro ou cão?! não te compreendendo, Melchisedec.

Intimamente, eu sentia um alvôrço contando com uma nova e argúta subtilidade philosophica, e cravei os olhos na face macilenta do austéro homem.

— Não me comprehendes?

— Não.

— Pois não ha difficuldade alguma

na minha pergunta. Senta-te e ouve

Sentei-me e dispúz-me a ouvir a palavra, sempre fecunda, do grande e desconhecido commentador dos moralistas chinezes.

— Sabes que fui, de novo, preterido por um mocinho chamado Alfredo, filho de um chefe politico que dispõe duma centena de vótos por ahi algures? Estou vivendo dos meus livros...

E levantando o braço direito, o mesmo que elle eleva para os céos, á noite, para indicar-me as constellações luminosas, mostrou-me uma das estantes, consideravelmente desfalcada.

— Estás vendendo os teus livros, Melchisedec?! — exclamei pasmado e indignado.

— Alguns. Que hei de fazer? o senhorio e o estomago são exigentes. Mas, vamos ao caso: fui preterido e queres saber porque?

— Porque não levaste um empenho...

— Talvez tenhas razão, mas eu attribúo á fama que vocês, meus amigos, crearam em tôrno do meu nome: que eu sou um homem de estudos, que tenho o meu bocado de philosophia, que penso, que escrevo a minha lingua sem grandes erros comprometedores... e que sou independente. Estudos e inteireza de carácter, são duas qualidades más para quem precisa. O regimen é dos mediócrs... e dos bajuladores: burro ou cão, não te parece?

Na face magra de Melchisedec tremeu um sorriso triste.

— Aquelle rapazóte, que foi nomeado secretario de legação, foi meu alumno durante trez mezes: quando se inscreveu na secretaria, ainda escrevia *omenajen*, e affirmava que a primeira missa no Brazil fôra rezada na egrêja da Candelária. Lá está na Europa, e Deus o tenha por lá muito tempo para que a lingua não sôffra com os seus constantes atáques. O governo entende que, como elle váe viver no estrangeiro póde, perfeitamente, dispensar o portuguez. O regimen é dos mediócrs dos engrossadores, como agóra se diz. Um homem secco, como eu, não pôde engrossar, mas tambem não me convém morrer á mingua—é preciso que eu arranje alguma coisa. Com a minha cara estou certo de que não consigo u lugar de porteiro nem mesmo de vairedor. Tenho aqui duas mascaras: qual dellas dêvo levar: a de burro ou a de cão? Qualquer desses animae

tem cotação: o ignorante impõe-se, o servil consegue tudo. Estamos no carnaval e estou aqui ensaiando os papéis de burro e de cão, e amanhã, optando por um ou por outro, lanço-me por ahí á aventura, subo as escadas da primeira secretaria, dirijo-me ao ministro, e zurro ou gano.

—Tú estás pessimista, Melchisedec.

— O que estou é convencido de que isto é o paiz dos analfabetos e dos zúmbrios. Olha que é um crime saber ler, meu caro. Eu vivi a absorver sciencia e litteratura, e hoje não tenho uma camisa decente. Que é o carnaval? a vida voltada pelo avêso, não te parece? Todo o homem tem em si uma feição que se occulta sob as conveniencias. Anthero, que é mais triste que uma missa de setimo dia, só se fantasia de palhaço, e tem graça, faz rir a valer — ninguem dirá que, sob aquella mascara comica, está a cara consumida do mais taciturno homem que o sól cobre... Na quarta-feira de cinzas, Anthero recomeça a pensar no suicidio. As creanças, que são verdadeiros diabrêtes, trocam, de bom grado, o mais rico trajo de principe, pela ganga rabuda de um diabinho; os velhos são, em geral, rapazes lépidos — eu vou virar-me pelo avêso mostrando-me burro ou cão e, quem sabe lá? é até possível que se dê commigo o que se dá com o Anthero: que os solecismos me acudam em borbotões e que a minha espinha se torne mais flexivel do que um junco. Queres, em summa, a verdade? Vou exercitar-me, vou aproveitar os trez dias de irresponsabilidade para despêjar asneiras, afeiçoando-me aos barbarismos indispensaveis e para lambar todas as mãos e todos os pés que me apparecerem. A vida é dos que mais fingem — tudo está em saber disfarçar. O rapazote não está a percorrer cidades, de embaixada em embaixada, a rir-se, e com razão, das minhas preocupações espiritalistas? E eu que faço? Não tenho uma côdea para roer e durmo sobre um catre duro, como um penitente. A sociedade deu-me o diploma de sabio; pois bem: faço agóra questão de merecer o titulo de bêsta, e só me considerarei feliz no dia em que ouvir louvôr á minha passagem, coisa que se pareça com isto: «Alli váe o maior camêlo desta terra!» e, no dia afortu-

nado em que tal coisa se dér, poderás procurar-me, porque serei uma influencia no paiz. A duvida que me retém é esta: como dêvo ir: de burro ou de cão?

Eu estava pasmado, e o meu espanto cresceu de ponto quando Melchisedec enfiou na cabeça a mascara de burro e sobraçou um grosso volume:

— Que diz você? — roncou — Estou bem assim?

— Eu acho que tú estás doido, Melchisedec.

— Não te pergunto se estou doido, pergunto-te se estou bem como burro.

— Isso estás.

— Pois então, meu amigo, prepara-te para a surpresa.

— Que váes fazer?

— Vou ao ministro. Ponho-me de quatro pés, subo as escadas, ornêjo deante do repôteiro, entro, escoicinho, e.

— E sães corrido a páuladas, como aquelle burro da fábula que se mettu a fazer caricias.

— Então vou de cão... Filho, — irrompeu de repente, — eu preciso fazer pela vida; isso assim é que não pôde continuar. E' preciso transigir? transijo. Os homens querem a mediocridade lisongeira: sêja feita a vontade dos homens.

— Váes renegar a sciencia, relápsos?

— A sciencia? tudo! o que eu quero é um emprego. Vou passar o resto da vida disfarçado em asno ou em cão, ou alternativamente: em cão e em asno. Viverei como *Pelle de burro* — em publico, bêsta quadrada; em casa, com o ferrôlho corrido, philosopho espiritalista. E que pensas? a maior parte dos phantasiados que por ahí andam, esmóe uma idéa. Dêspe o *princez*, desmacará-o e talvez encontres debaixo da belbutina um desgraçado que se atordôa, ou um infeliz que tem fôme. Já alguém observou que o carnaval, nos tempos de crise, é sempre deslumbrante — é que a loucura é proporcional ao desespero: ha homens que bebem quando téem maguas. Dizem que é a festa da Folia: a apothéose da Hypocrisia é que é. Como eu, quantos haverá amanhã nas rúas? Emfim, nada tenho com os outros, dizê lá — como dêvo ir: de burro ou de cão?

— Não sei, Melchisedec.

— Vou de cão.

Se os senhores encontrarem pelas rúas, um sujeito pequenino, magrinho com uma cabeçorra de cão, lastimem-no: é Melchisedec que anda cynicamente a mendigar emprego ou a ensaiar-se para um alto cargo.

Pobre Melchisedec! não sabe o misero que a gralha pôde disfarçar-se em pavão, mas o pavão... esse é que nunca se disfarçará em gralha. Com cabeça de cão ou de burro, elle ha de ser sempre o mesmo philosopho, o mesmo erudito, incompativel com as propinas gôrdas. Em todo o caso, não lhe matemos a esperança — deixêmol-o illudido nesses trez dias de illusão.

— Burro ou cão... que animal!!!

COELHO NETTO

Projecto de Reforma Monetaria no Brazil

O NOVO SYSTEMA MONÉTARIO BRAZILEIRO

Moêda de Ouro

O antigo mil réis de ouro brasileiro continha o gr. 8.965 de ouro fino ao titulo de 917 *mos* de fino, isto é:

$$\frac{0.8965 \times 917}{1.000} = \text{o gr. 82209 de métal}$$

fino.

O conto pezava, portanto, exactamente, 822 gr. 09 de ouro fino.

A libra estérlina péza 7 gr. 988 de ouro ao titulo de 91666 *mos* de fino, ou:

$$\frac{7.988 \times 916.66}{1.000} = 7 \text{ gr. 322 métal fino}$$

Cada conto de ouro brasileiro valia, pois, exactamente:

$$\frac{822.09}{7322} = 112 \text{ lib. st. } 1/2$$

E como cada libra estérlina vale 240 dinheiros, o conto ouro valia: $112,5 \times 240 = 27.000 \text{ d.}$, o que dava ao mil réis uma paridade de ouro de 27 d. ou de 2 fr. 835.

Cada libra estérlina váe 20 shillings de 12 d., donde resúlta que cada shilling péza:

$$\frac{7322}{20} = \text{o gr. 3661 de ouro fino}$$

e cada dinheiro:

$$\frac{0.3661 \text{ ou } 7322}{12 \quad 240} = \text{o gr. 030508 ouro}$$

fino

Si o novo padrão monetário brasileiro se tornasse o mil réis de 12 d. ouro, cada novo mil réis conteria. $0,030508 \times 12 = 0$ gr. 3661 de ouro fino.

Os 10 mil réis 3 gr. 661

Os 20 mil réis conteriam 7 gr. 322, o pèzo exacto de uma libra estérilina.

E o novo conto ouro equivaleria a 366 gr. 1, ou 50 libras estérilinas.

O novo padrão monetário brasileiro ficaria, assim, perfeitamente adaptado ao padrão inglez, e um mil réis, pelo novo systema, teria a equivalencia de 1 shilling.

Mas, não seria necessario escolher o titulo da liga ingleza — 916.66 millésimos de métal fino — que é de applicação muito difficil nos paizes de systema métrico.

Todos os paizes, que, ha meio século, modificaram seus padrões, adoptaram para as suas moedas de ouro o titulo francez de 900 *mos* de fino, que se adapta, rigorosamente, ao systema decimal, e que dá ás moedas cunhadas, uma grande resistencia contra as pèrdas do uso: tal é o caso da Allemanha, da Suécia e da Noruéga, da Dinamarca, da Hollanda, para os seus novos florins de ouro, da Hespanha, da Austria-Hungria, da Russia, Estados Unidos, do Japão, etc.

Escolhendo o titulo 900 *mos*, que é o titulo geral, a libra ouro brasileira, depois de cunhada, pézaria:

Ouro fino.. gr. 7,322
Liga. « 0,813
Total. ..	8,135

Ella pezaria, assim, 0 gr. 147 mais que o soberano ouro inglez, ao cambio, exactamente, do mesmo valôr.

O padrão monetário sendo o mil réis ouro, cada mil réis pezaria 0 gr. 4068; isto é: 0 gr. 3661 de ouro fino e 0 gr. 0407 de liga.

*
**

Não aconselharemos a cunhagem de moedas superiores a 20 mil réis, moedas de 40 ou de 80 mil réis, porque o publico tem uma accentuada tendencia para guardar as grandes moedas: isto aconteceu em França, onde não existem mais, na circulação publica, as magnificas moedas de 40 fr. de 50 e de 100, si bem que se tenham cunhado, dessa espécie, ha cêrca de cem annos, mais de 310 milhões.

Além disso, as notas do banco de 40 mil réis, convertíveis em ouro, exercerão a funcção das moedas de 2 libras, e não correriam o risco de serem arrecadadas e escondidas nas gavêtas, como estas sêl-o-iam com certeza.

Do mesmo modo, não indicariamos a cunhagem de moedas valendo menos de 10 mil réis, porque as de 5 mil réis

ouro, não são, na realidade, sinão moedas divisionarias, sendo de incontestavel vantagem fabricar estas de prata.

Por conseguinte, as duas moedas de ouro, que parece convirem mais ao novo systema monetário brasileiro, são: 1º a libra brasileira = 20,000 réis, tendo um pèzo legal de 8 grs. 135, ao titulo de 900 *mos* (7, grs. 322 ouro fino); 2º a meia libra brasileira = 10,000 réis, tendo o pèzo legal de 4 grs. 068 ao titulo de 900 *mos* (3, grs. 661 ouro fino).

O governo federal, além disso, conservará a faculdade de conceder cûrso legal ás moedas de ouro estrangeiras, na paridade do seu valôr entrínseco de métal fino.

MOEDA DE PRATA

O novo padrão monetário brasileiro sendo o mil réis ouro, todas as moedas de prata, qualquer que sêja o seu módulo, serão moedas divisionarias não tendo valôr liberatório senão para sommas de minima importancia. Essas moedas, não podendo ser convertidas em ouro, deverão apenas substituir, na circulação fiduciária, as notas pequenas que ella comprehende, actualmente, como moedas divisionarias.

Os paizes da *União Latina* — França, Italia, Belgica, Suissa, Grécia — tinham admittido, em sua convenção primitiva 6 fr. ou 4.000 réis por habitante. Em 1894, reconhecida insufficiente essa quôta, os Estados contractantes a elevaram a 7 fr. Mas, sendo muito mais intenso o commercio interior dos paizes da União que o do Brazil, calculámos que não será necessario cunhar mais de 4.000 réis de prata por habitante, cêrca de 80.000 contos para a população brasileira, mesmo quando ella excedesse de 20 milhões.

Os módulos a adóptar deveriam ser, exactamente, os mesmos das pequenas notas a serem retiradas da circulação, isto é, moedas de 500 réis, de 1.000 réis, de 2.000 réis e de 5.000 réis; aos quaes o publico brasileiro se habituou, durante longos annos, porque o antigo systema monetário comprehende moedas de prata daquelle valôr; e, portanto, respeitando esses hábitos, a mudança se effectuaria, sem perturbação, á medida da cunhagem das novas moedas.

*
**

No fim do anno de 1898, sobre nma circulação total de papel-moeda de 779.965 contos, havia, no Brazil, 81.186 contos de notas pequenas, assim enumeradas:

13.758.000	notas de 500 =	6.879	contos
17.063.000	1.000 =	17.069	
11.417.500	2.000 =	22.835	
6.882.500	» 5.000 =	34.411	»
<hr/>		<hr/>	
49.121.000	notas =	81.188	

Suppondo que estes algarismos sêjam os mesmos, isto é, que a incineração ou a retirada do papel-moeda sómente tenha comprehendido notas de valôr superior a 5.000 réis — o que parece verósímil — são esses 47.121.000 de pequenas notas, representando o valôr nominal de 81.188 contos, que deverão desaparecer, sendo substituídos pelas moedas de prata de 500, 1.000, 2.000 e 5.000 réis, perfazendo, em numeros redondos, os 81.000 contos.

Trez questões se antólham então: o titulo adóptado, o pèzo legal das moedas e a despeza do governo com essa operação.

*
**

1º — Os paizes da *União Latina* cunham suas moedas de 5 fr., com pleno poder liberatorio para qualquer somma ao titulo de 900 *mos*, e suas moedas divisionarias, com poder liberatorio até 50 fr., ao titulo de 835 *mos*.

O Brazil, passando ao padrão ouro, todas as moedas de prata, não impórta de que valôr, não passariam de moedas de trôco: seria, assim, inutil dar-lhes liga diferente: o titulo 900 *mos* convirá a ambas, sendo estabelecido pelo lei monetaria que terão poder liberatorio até a concurrencia de 40.000 réis, ellas terão cûrso forçado em todo o territorio brasileiro, e que para o excedente daquelle quantia, sómente serviriam de elemento fraccionario até os referidos 40.000 réis.

*
**

2º — Partindo desse principio — que as moedas de prata serão fragmentarias, a questão de pèzo legal das novas moedas tem apenas importancia secundaria, porque ellas não se expórtam, e, sómente, circularão no interior do Brazil.

A piástra mexicana péza 27 gr. 073 ao titulo de 902.7 *mos*; o dólлар americano péza 26 gr. 729 ao titulo 900 *mos*; a antiga prata brasileira de 2.000 réis péza 25 gr. 5 ao titulo de 917 *mos*, os 5 fr. francez pézam 25 gr. ao titulo 900 *mos*. E' este ultimo módulo o que dêve ser escolhido de preferencia para a nova moeda de prata de 5.000 réis, porque uma ou duas grammas de métal, de mais ou menos, não augmentarão, sensivelmente, o valôr intrínseco dessa moeda, que não passará (cumpre notar) de um signal representativo e não um equivalente do valôr. A grande vantagem do módulo francez consiste em constituirem 25 gr. uma fracção decimal precisa, mais facil de pézar, de adicionar, de multiplicar e dividir, do que 26 gr. 729, ou 27 gr. 73.

Esse módulo permittiria, emfim,

par como pézo legal, 10 grammas ás moédas de 2.000 réis, 5 gr. ás de 1.000 réis e 2 gr. 5 ás de 500 réis, donde resultaria o mérito de uma grande simplicidade para o systema monetário brasileiro.

3º — Quanto custaria ao governo a cunhagem da nova moéda de prata? Admittindo o algarismo redondo de 81.200 contos, cada mil réis de prata fina, devendo pézar 4 gr. 5, seria preciso adquirir :

$$\frac{81.200.000 + 4.5}{1000} = 365400 \text{ ks. prata fina}$$

Notaremos, de passagem, que essa massa apenas representa uma décima quinta parte da produção de prata annual — 5.400.000 kilos no mundo inteiro — e que as operações de cunhagem poderiam ser feitas em dois annos.

Computando o kilogramma de prata fina a 100 francos, preço superior á média annual, a primeira despesa da operação de cunhagem — seria :

$$365.400 + 100 = 36.540.000 \text{ francos.}$$

A administração franceza das Moédas, na época da cunhagem livre de moédas de prata, cóbrava pelo kilogramma de prata, ao titulo de 11900 mos; 2 fr. 85 pelas moédas de o fr. 50 ; 2 fr. 20 pelas de 1 fr. ; 1 75, pelas de 2 fr. ; e 1 fr. 50 pelas de 5 fr., preços que comprehendiam as despesas de fabricação e o preço da liga. Mas, essa antiga tarifa seria, sensivelmente, diminuida, si se tratasse de uma massa de 365.400 kilogrammas de prata a cunhar.

Não contando com reduções, no Brazil, as despesas com a cunhagem dos 81.200 de moéda de prata custariam :

Numero de moédas	Valór em réis	Pézo ao titulo de 900 mos		Despesas de cunhagem	Fr.
		de cada moéda	Total		
		Gramm.	Kil.		
12.000.000	500	2.5	30.000	85.500	
18.000.000	1.000	5	90.000	198.000	
12.000.000	2.000	10	120.000	210.000	
6.640.000	5.000	25	166.000	349.000	
			406.000	842.500	

Recapitulando as despesas totaes da operação, teriamos :

Compra do métal... 36.540.000 fr.
Dito da cunhagem... 842.500 »
Despeza total 97.382.500 fr.

Cada dinheiro de ouro, valendo-o fr. 105, e um mil réis de 12 d. = 1 fr. 26, como o shilling, essa despeza corresponderia a :

$$\frac{37.382.500}{1,26} = 29.667,7 \text{ contos novo systema}$$

ou 1.483.350 £.

A operação seria, portanto, excellente para o thesouro federal, porque 1.483.385 £ lhe permittiriam retirar da circulação 81.200 contos de papel moéda, e que, se fosse necessario substituir esses 82.200 contos por notas novas embolsaveis a 12 d. ouro por mil réis, teria assumido um onus efféctivo de $81.200 \times 50 = 4.060.000$ £, realisando uma economia real de 2.576.615 £ ou 51.532, 3 contos do novo systema.

**

Si essas idéas fôssem adoptadas, o quadro das moédas brasileiras se figuraria pela fórmula seguinte :

NOVAS MOÉDAS BRAZILEIRAS

Valór em moédas inglezas	Pézo de fino	Titulo	Pézo legal
			Ouro, padrão legal
			Prata
20.000 réis...	8 gr. 135	900 mos	7. gr 322 1 libra
10.000 — ...	4 " 068		3 661 10 sh.
5.000 réis...	25 gr. 00		22 gr. 5 5 sh.
2.000 — ...	10 " 00		9 " 6 2 sh.
1.000 — ...	5 " 00		4 " 5 1 sh.
500 — ...	2 " 50		2 " 2 1/2 6 d.

(Continúa)

EDMOND THÉRY

ANDORINHAS

I

Lembras-te? Quando, outr'óra, vinhas
A primavera annunciar,
Súbito, em vólta de meu lar,
Esvôaçavam andorinhas...
Eras o só das avesinhas,
E eras o só do meu amór,
E para as muitas dôres minhas
Tinhas o bálsamo melhor...
Tinhas o bálsamo do beijo
Para matar o meu desêjo...
Mas, ha que tempo te não vêjo
De minha casa em derredór!

II

Para meu lar já não caminhas;
Morrendo as arvores estão...
E ha tantas rósas pelo chão,
E andam tão longe as avesinhas!
Fugiste ás cóleras damninhas
Dos frios ventos hybérnaes,
E fôste como as andorinhas
E não voltáste nunca mais!
Ah! se eu te encontro — e é quanto almêjo!
Tão púra como te desêjo,
Talvez que — amór! — a um nosso beijo,
Renasçam rósas nos rósaes!

PEDRO RABELLO

OS ZEMSTVOS RUSSOS

Estudando a nova éra que alvoréce, na escura perspéctiva do povo russo, J. Dillon deu no *Review of Review*, de Albert Shaw, interessantes informações sobre os Zemstvos, instituição de marcada influencia nos recentes acontecimentos.

**

Sob este systema de governo, diz elle, fundado na suppressão dos direitos individuaes e em toda a sôrte de coércões barbaras, o povo russo não tem patria: para a *bureaucracia*, elle não pássa de um animal pagador de impóstos. Os camponezes, que fórmam trez quartos da população, os negociantes inferiores, assim como os ricos, não pódem matricular seus filhos nas escolas navaes ou militares, porque pertencem a uma classe indigna dessa honra, e são privados de outros direitos, ainda mais elementares. O negociante proprietario de vastas empresas industriaes, que fornecem subsistencia a milhares de operarios, não ousa ler-lhes as noticias dos jornaes acêrca da guerra, nem mesmo um capitulo do Evangelho: isto seria crime de traição ao regimen autocratico.

— Que ríricula espécie de patria é esta — escreveu o jornalista russo do *Nowoye Vremia*, Menshikoff — em que um homem não póde tocar em coisa alguma, que não se diga: não ser de sua conta? Que nos impórta, então? Si nada temos com os negocios da Russia, segue-se que somos estrangeiros. Si todos os meus direitos se resúmem ao pagamento de impóstos, seria preferivel mudar-me para a Inglaterra, onde me garantiriam a egualdade de todos os cidadãos, protecção e liberdade de pensamento e de consciencia.

O governo arbitrario, modelado por essas linhas, engendrou a fallencia das leis; perseguições religiosas pro-

duziram a hypocrisia; e a coerção, violencias criminosas. Veio a estagnação. Ministros, governadores, proeminentes funcionarios fôram assassinados pelos descontentes, e a latente hostilidade rebentou em guerra aberta. Sipyagin, ministro do Interior, foi morto á bala; Plehwe, seu successor, foi morto por uma bomba. E a machina administrativa parou no interior, agindo mal no exterior. Suscitou-se, então, a duvida-si deveria continuar o antigo regimen, e passaram semanas, sem deliberação. Uma victoria de Kuropatkine poderia alterar a balança dos acontecimentos; mas, o telegrapho sómente transmittia as dolorosas noticias de desastres e retiradas. Os annaes da campanha continham muitas noticias forjadas por ordem do governo. Ergueram-se altos murmúrios contra a continuação das hostilidades, censúras violentas contra a *bureaucracia*, que empenhára a nação numa guerra inutil, e se formularam decisivas reclamações pela conclusão da paz. Finalmente, o principe Soyatopolk-Mirski foi nomeado ministro do Exterior. Homem de encantadora franqueza, maneiras attrahentes, vistas largas e illustradas, discordou das opiniões de Plehwe, desapprovou os seus métodos e lhes deplorou os resultados.

O novo ministro empregou a verdadeira linguagem acompanhada por judiciosos actos; mas, nada alterou quanto aos princípios de governo do seu predecessor: começou assegurando sua confiança no povo russo; deu liberdade aos mais notaveis súbditos do Csar, encarcerados sem motivo; libertou muitos outros do exilio; tolerou os triviaes peccadilhos da imprensa e se abstêve de mandar para a cadeia muitos homens pelo facto de não concordarem com as opiniões da *bureaucracia*. Mas, todos os seus actos e palavras tinham o cúnho pessoal: sómente a elle obrigavam. De sorte que, si deixar o poder, seu successor poderá reverter, livremente, ao systema de Plehwe, sem abolir uma lei, sem repudiá nenhum axioma de governo. E' este um dos mais importantes elementos da situação.

*
* *

O grande acontecimento historico do novo regimen, é a assembléa dos

presidentes das commissões do *Zemski*, uma reunião privada, quasi secreta, cuja importancia provém da circumstancia de ser publica, quando se poderia realizar occultamente.

Os *zemstvos* são corporações provinciales eléctivas, investidas de um limitado numero de poderes — a incumbencia da conservação dos caminhos, de soccórros médicos á população rural, a organização de escólas, da estatistica, e de salvar da fome e das moléstias milhares de individuos, que deixam, annualmente, as suas aldéas, em busca de trabalho. Devido, menos aos poderes que lhes fôram conferidos, que ao seu character representativo, ao seu espirito de iniciativa, essas corporações contéem, no âmago, os gérmens de desenvolvimento, e são capazes de se expandirem para fórmarem a assembléa legislativa — o parlamento russo.

Durante vinte annos, os *zemstvos* organizáram e propagáram a educação, ao principio rapidamente, depois com esmorecimento, em consequencia da ferrenha opposição da *bureaucracia*. O ministro perturbava a obra meritória por todos os meios e modos. Muitas escólas, por elles fundadas em 1880, fôram retiradas de sua direcção em 1884. Em 1897 vários *zemstvos* pediram ao governo para abrir, á cústa delles, escólas para ensinarem a lêr e escrever; mas essa auctorisação foi recusada, porque educação e autocracia são como fogo e agua, coisas que se não pôdem combinar. Elles continuaram, todavia, a progredir em face dessa terrivel opposição, até que o governo, recorrendo a medidas extremas, lhes reduziu o orçamento e lhes estreitou a área de actividade educadora.

Mas, as directorias locais continuáram a trabalhar sempre em beneficio do povo desprotegido, dando-lhe a metade do pão que lhe não poderiam mais dar inteiro. A's escólas prohibidas substituíram livros, que não eram obras perniciosas, as melhores creações da litteratura classica da Russia; mas, neste empenho, ainda fôram obstados os esforços dos *zemstvos*. Em 1901, as auctoridades centraes lhes védaram propagarem, em edições baratas, os classicos russos para a instrucção do povo; não represáram, porém, o affluxo da pornographia su-

persticiosa e obscena, que inundou as provincias. Para cúmulo de perversidade, quando os *zemstvos* manifestaram o desêjo de se reunirem em assembléas, para cuidarem de métricas unificadas de amparo aos soldados doentes e feridos, o governo recusou: cada conselho local deveria agir em separado, sem combinação ou harmonia com os outros.

Era essa a situação dos *zemstvos*, quando Plehwe foi morto—privados de poder, mas providos de conhecimentos que o equivalem. Elles, sómente elles, conheciam as massas, seu estado economico e moral, as misérias e témpera do povo; e, como o governo teria de recorrer ao auxilio do povo, isso dependeria da boa vontade e cooperação dos *zemstvos*, porque é bem verdade que toda a estrutura economica do Czarismo está estalando e altíndio; tem, dentro, em vários compartimentos, alguma coisa quebrada, e precisa de ser, breve, reconstruida. Sem os *zemstvos*, que são a lingua e alma dos camponeses, o governo tacteará no escuro, porque, ao contrario de outros governos, não tem conselheiros leaes, nem cooperadores prestimosos. Os homens illustres e proeminentes, exilados na Sibéria, ou prisioneiros em outros logares, são todos partidarios dos inimigos da autocracia. O novo ministro, cujo systema parecia consistir em conter o povo em attitúde reverente, favorecia, assim, os *zemstvos*. Fez saber aos presidentes dos directorios de districto que, si quizessem reunir-se para adoptar medidas de soccôrro aos fêcidos, poria ás suas ordens uma das salas do palacio ministérial, onde auctorisaria as sessões. Foi isto, para o governo, um largo passo em direcção á democracia: permittir que os representantes dos corpos eléctivos populares se reunissem e deliberássem sobre qualquer matéria, era facto novo; marcou uma época na historia da Russia.

A assembléa foi marcada para 19 de novembro de 1904. Os presidentes dos districtos se regosijaram; acceitaram a concessão, como um ponto de partida, e, com a franqueza impôsta pela gratidão, declararam ao ministro que, além do soccôrro aos feridos, discutiriam outros assumptos, porque a massa do povo russo, que não recebeu ferimentos dos japonezes, soffria duras privações, misérias, que poderiam, fa-

cilmente, ser evitadas. Seriam discutidas medidas de allivio a esses males, e para evitar a sua reincidencia. Chegaram, mesmo, a fazer allusões a uma camara representativa. O principe Mirski saccudiu os hombros: não lhes prohibiria o debate sobre o estado da Russia, nem o auctorisaria. Quanto ao parlamento, era idéa afastada da discussão. Não seria melhor fixar a reunião para janeiro?

Os dignitarios *bureaucraticos* e outros partidarios da autocracia, pura e simples, se assustaram com o plano da assembléa que deveria, succedesse o que succedesse, ser evitada.

Prevenir era melhor que curar. Fizeram vehementes representações ao Csar, e um dos mais influentes, entre elles, chegou a afirmar que, si os presidentes *zemstvos* chegássem a se reunir com permissão do imperador, essa assembléa seria o principio do fim, e por isso este ponderou ao ministro que ella poderia ser adiada para janeiro, e recusou a auctorisação. Como o principe Mirski ponderasse a sua Magestade, que essa auctorisação já fôra prometida, elle respondeu que mais tarde, veria isso mais detidamente.

Na mesma tarde, o ministro repetiu essa conversação a Shipoff, presidente da Assembléa, e, em consequencia, os presidentes dos *zemstvos* deliberaram reunir-se, em particular, e sem auctorisação official. A vantagem desse modo de proceder, do ponto de vista do governo, consistia na circumstancia de que as resoluções do conselho seriam as de uma centena de individuos sem posição official, deliberações que a ninguem obrigaríam. Do ponto de vista do povo, a auctorisação era uma fórma sem importancia. Para toda a Russia, dizia-se, *una voce*: ella aspira pelo governo de si mesma; e, uma vêz pósta a massa em movimento, ella assumiria as proporções de uma avalanche, que destruiria todos os obstáculos ao seu progresso.

O 19 de novembro tornou-se uma data historica, nos annaes da Russia, análoga ao 4 de maio nos pródromos da revolução franceza, quando se reuniram os Estados Geraes. Na noite daquelle sabbado fatídico, noventa e oito dos cento e dez chefes *zemstvos*, con-

vidados, se reuniram numa casa do Rio Fontanka, e se constituíram em parlamento preliminar, deliberando, durante trez dias, a portas fechadas, sem admissão de estranhos, como se haviam compromettido com o ministro do Interior. A imprensa foi prohibida de publicar, por precaução do principe Mirski, qualquer noticia da existencia da Assembléa. Os resultados dos debates fôram a affirmação, por grande maioria, de que o actual regimen não se podia, absolutamente, harmonisar com as necessidades e aspirações do povo russo, que deveria ser chamado a tomar parte activa na direcção dos seus negocios. O futuro governo, qualquer que fôsse, deveria ser baseado na lei, e as repugnantes medidas de arbitrio, a contéxtura e essencia da legislação deveriam consagrar a liberdade de consciencia, de imprensa, de reunião e o estabelecimento de uma assembléa permanente de representantes para legislar, votar os orçamentos, fiscalisar as despezas e os actos dos ministros. Essas resoluções fôram, em particular, entregues ao ministro, que as remetteu ao Csar.

Taes fôram os factos. O resultado desses acontecimentos, pouco conhecidos em minúcias, pertence ao futuro. As classes intelligentes da Russia estão muito esperanças; os operarios, os socialistas são decididos; os estudantes e a joven geração são impulsivos. O exército, porém, e todas as forças organisadas estão nas mãos do governo autocratico, que não está disposto ao suicidio.

Mais cedo do que suspeitára o escriptor desse artigo, as consequencias da assembléa dos *zemstvos* explodiram nas extraordinarias manifestações de rebeldia, que estão minando a velha e odiosa autocracia, e desmoralizando a influencia moral do Csar, manchado com o sangue de milhares de victimas trucidadas, nas ruas de S. Petersburgo, pela ferocidade dos cossacos.

A LIVRARIA

EDUARDO PRADO — PADRE JOSÉ SEVERIANO DE REZENDE — N. FALCONE & C. — S. PAULO.

Nesse livro de Severiano, o illustre padre intelléctual do Brazil, só me impressionou, só me dêve impressionar

o que elle exála e documenta de brilho e de poder litterario. Porque o *motivo*, isso de que o artista arrancou uma violenta obra d'arte, é o assumpto mais discutivel e mais discutido do mundo. Prégar a excellencia do catholicismo, a sua grandeza, as alturas da sua magestade, os seus suaves encantos, os seus suggestivos idéaes de pompa; dizer, em ultima análise, a sua superioridade sobre todas as outras lendas que ainda esquentam a fé no proximo, simples e manso, é tão inoffensivamente velho como o catholicismo. E, depois, isto é sempre uma controvérsia, sempre viva, sempre escabujante, de que ninguem sáe convencido, nem alterado nas idéas anteriores. Apenas, um excésso de calôr da discussão, esfriando um pouco a amizade dos adversários... Cada qual dos heróes combativos, que súam na peléja todos os heroismos de imaginação, todos os esforços de insolencias, recólhe, por fim, ás suas convicções, e manda, mais ou menos, com delicia, o outro

« *Pastar longas caupiuas livremente* »

De resto, não me adeanta nada, nesta vida, duvidar ou crêr, ou, afinal, debater sobre a realidade da crença cathólica de Eduardo Prado. Creio firmemente que a sorte do Brazil, a minha sorte, a sorte do padre Severiano, a tua sorte, leitor, não depende muito dessa encantadora fé, que o esforço, méramente litterario, de magnifico, de sobêrbo *sport* espiritual, do artista, procura effectuar, numa concurrencia rútila de phrâses, no fascinante *poseur* que foi o fino paradoxal da *Illusão Americana*. Esse mesmo esforço, que maravilhosamente deu duzentas paginas de força persuasiva, d'intensidade viváz, léva uma creatura a considerar, talvez por uma extravagancia, que a crença de Prado é cada vez menos clara, menos decisiva, menos feita de convicção e sinceridade, e é deliciosamente scintillante de *póse*, de *chic*, de futilidade radiosa. Emfim, não me irrita, assombra-me, antes, esse deliberante arrôjo dum artista por amôr doutro, exgótar veios dialécticos, opulencias de recúrsos, maravilhas de habilidades, para impôr, diante da calma incrédula, compassiva da *victima*, isto é, do publico — que Prado era cathólico *esclarecido*, *pratico*, *denodado*, etc., etc.

Contar o catholicismo do áttico descontente dos *Fastos* e do imprévisto e forte narrador das *Viagens*, não deixa, precisamente, de ser uma taréfa estimavel e sobretudo agradável ao leitor, quando é um escriptor, quando é Severiano o seu heróe. Lê-se, sorri-se, e a gente, ao cabo, fica perfeitamente encantada nas scintillações de um estylo singular e fundamente original. Isso mesmo é o que eu sinto e penso sobre o que, nesse volume, escreve

Severiano das suas idéas monarchicas e da sua respôsta á bôa velha Maria Amalia e ao bom velho Pereira Barreto.

No primeiro caso, não creio — ai de mim! — na sincéridade dessas idéas, entre nós de um ridiculo interéssante, como não creio no monarchismo e catholicismo pratico e convencido de Prado. Para mim, — vê tu, Severiano, que horrôr! — elle foi tudo isso por simples elegancia, que a sociedade fútil de Paris e mesmo de Lisbôa e mesmo aqui solicitava, para que elle fôsse elegante e fidalgo. Em Paris, Prado era o chefe do partido monarchista do Brazil, porque Prado precisava de ser *chic*. Mas, em casa, na rua Rivoli, na *Revista Moderna*, na companhia do Eça, era apenas artista no seu idéal monarchico, no seu catholicismo, porque o catholicismo, já hoje, é apenas uma bella coisa, luminosamente esthética. Era, pois, catholico e monarchista porque era esthéta...

Severiano é *chic*, acreditando no catholicismo de Prado; não é menos, querendo provál-o. E, sobre isso, é extasiante, lavrando o seu crédo, o seu amor á monarehia... até suppôr, quasi com graça, com um desplante encantador, que o *brazileiro que na hora actual se exime de ser monarchista não pôde achar geito de ser, por mais que malabarise, patriota*.

Não é propriamente *chic*; mas, é um resultado disso, o que elle, de gratuito e de máu, escreve em periodos de fôgo, contra o sr. Pereira Barreto — homem de sciencia séria, vencido, em polemica, por Prado, segundo Severiano; e vencedor, segundo aquelles dos entes que não resmungam a Cartilha. Sêja como fôr, o que não deixa de ser superiormente bello é que esse pensador, adversário de Eduardo Prado, tenha engrossado, com as suas, as homenagens feitas, á memoria do artista, numa mutualidade de extinctos elogios, em que só elle deu uma nota original de critica, pensando com honestidade, com celeste horrôr dos estylos exangues, sem alma, sem vibração, das *polyanthéas*, que o padre amigo tão santamente abomína.

Eu, tu, elle estamos, bem socega-dinhos, no nosso pacáto direito de descrêr da linda convicção de Prado. E, dahi, a que vem o insulto dos padres? Vem a que... o livro de Severiano tem um capitulo immortal — pelo esfusiar faísicante, estridente, quasi rubro da phrâse, do feitio da violencia; mas, sobretudo, pelo absoluto heroico da verdade: é o *catholicismo pratico*. Tudo o que esse padre diz, soberanamente desprezado de conveniencias, de certas conveniencias de sotáinas, é isto: um descarregar impiedoso, definitivo de objurgatória admiravel contra o catholicismo *carôla*, de benzedéllas publicas pelos palama-

res das egrêjas e safadezas intimas pelo bôlso e pela honra do proximo. E', ainda, contra o catholicismo falso, velháco, insincêro, isto é, o catholicismo de estatistica, isto é, o catholicismo brasileiro — por um lado, *chic*; por outro, ganhador e commodo. Esse capitulo é o livro, e, por insuspeito, vindo de uma tão alta auctoridade, é um documento a favor das idéas dos livres pensadores.

Mas, o artista!

Em cada qual dos generos, de critica e polemica, em que o livro se mette, o estylo é que, como eu disse á entrada, impressiona e interéssa. Esculpido num portuguez que, por vêzes, pôde agastar o dr. Candinho, mas que consôla, satisfaz, o estylo é um vigor, tem vertigens de talento, de originalidades illuminantes; vále, sacóde, lança sensações estranhas, bizarras, sensações de prazer, de estremecido gôso intelléctual. A technica, o decorativo inédito da expressão, nesse padre artista, é uma rutilancia preciosa, splendidamente rara.

WALFRIDO.

AVE NEGRA

Ave da Dor e da Tréva, de onde vens tu? !...

GÉRARD DE NERVAL.

Côrvo sinistro, que me representas
Somnambúlica ave tacitúrna,
Trazendo ás pennas a visão noctúrna
De frias luas-mortas, augurentas.

Côrvo, côrvo sombrío das nevoentas
Trévas não sei de que medonha fúrna,
Que nem nos olhos a canção diúrna
Da luz, por mais tenuissima, alimentas!

O' ave negra, tu nas garras trazes
Toda a flagéllação dos Satanázes
Que desce sobre este meu peito anciado.

Dize-me, ó ave negra! ó luto etérno!
—Serás um monstro que saíu do Inferno?
—Serás o Tédio corporificado?...

ARAÚJO FIGUEIREDO.

A EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ

Ha bem pouco tempo, quando se tratava da representação do Brazil em congressos scientificos ou industriaes, um ferrenho espirito de sovinaría estéril allegava, com estardalhaço da nossa miséria, que o Brazil não tinha meios financeiros para comparecer, como responderia um individuo mal educado, escusando-se de comparecer a uma solemnidade por não ter casaca ou não poder comprar um par de luvas.

Esses congressos, entretanto, offereciam magnificas oportunidades para

a exhibição dos nossos recúrsos intelléctuaes e economicos, e um meio de propaganda indispensavel aos paizes exóticos, quasi ignorados como nós fômos, propaganda que nos descuidámos de fazer, na supposição de bastar a fama das nossas riquezas naturaes, do nosso brilhante futuro, reflectindo além dos mares como um aperitivo aos capitaes, ás iniciativas fertilisadoras.

Essa fama de *Eldorado*, porém, era acompanhada pela pessima reputação de paiz pestífero, quasi sélvagem, inhóspito á immigração e pouco assimilavel ás conquistas do progrêso humano.

Concorremos, felizmente, ás exposições americanas, mais pela obediencia ás conveniencias da politica internacional que aos intuitos de nos exhibirmos como nação rica, como paiz feracissimo, propicio a todos os desenvolvimentos da actividade industrial.

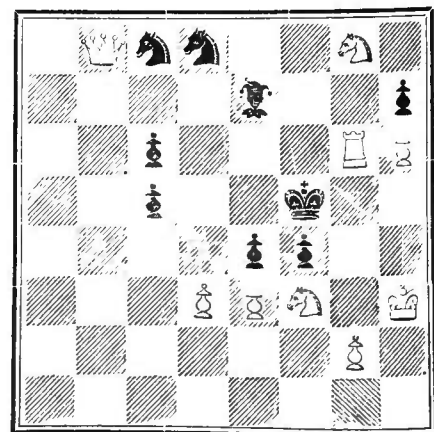
E o concúrso ás duas exposições não foi estéril, como demonstram o interéssese que os americanos do norte estão tomando pelo Brazil, que elles viram através dos productos exhibidos, que elles querem, agóra, conhecer *de visu*, como campo de exploração para o seu admiravel genio emprededor.

Temos uma turma de capitalistas norte-americanos na Amazonia, estudando os soberbos, os formidaveis recúrsos economicos do rio-mar; temos, desde ante-hontem, na bahia Guanabára o hiate *Margaret*, numa excúrsão de estudo dos portos do Brazil, conduzindo homens de finança como W. T. van Brunt e C. U. von Schrader, engenheiros como mrs. E. J. Robinson, M. R. Sherred e J. C. Roberts, aos quaes devemos desejar bôa vinda, como mensageiros de uma nova éra de progrêso, conduzindo a semente maravilhosa que produziu a inegualavel grandeza dos Estados Unidos da America.

DIVERSÕES

Problema n. 16

PRETAS



BRANCAS

As brancas jogam e dão mate em dois lances.